

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC

CURSO DE ARTES VISUAIS LICENCIATURA

JULIANA RIBEIRO DA SILVA

**GESTAR: (ENTRE) POÉTICAS NUVENS E INSIGHTS- UM NOVO ENSINO DE
ARTE**

CRICIÚMA

2018

JULIANA RIBEIRO DA SILVA

**GESTAR: (ENTRE) POÉTICAS NUENS E INSIGHTS- UM NOVO ENSINO DE
ARTE**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado
para obtenção do grau de licenciada no curso
de Artes Visuais-Licenciatura da Universidade
do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientador(a): Prof.^a M^a. Katiúscia Angélica
Micaela Kamo

CRICIÚMA

2018

JULIANA RIBEIRO DA SILVA

**GESTAR: (ENTRE) POÉTICAS NUVENS E INSIGHTS- UM NOVO ENSINO DE
ARTE**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de licenciada, no Curso de Artes Visuais-Licenciatura da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Processos, Poéticas e Educação.

Criciúma, 21 de novembro de 2018.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Katiúscia Angélica Micaela Kamo - Mestre - (UNESC) – Orientadora

Prof^a. Odete Angelina Calderan – Mestre em Artes Visuais - (UNESC)

Prof^a. Édina Regina Baumer – Mestre em Educação - (UNESC)

Agradeço imensamente a todos que colaboraram de forma direta e indiretamente com minha pesquisa, em especial minha família, vocês são parte da minha arte.

AGRADECIMENTOS

Minha gratidão inicia-se primeiramente a meus familiares, estes que sempre me apoiaram em todas as circunstâncias possíveis e acreditaram em mim nas que pareciam impossíveis, vocês são minha base mais sólida, e se tem alguma coisa a qual me orgulha, são vocês: mano Luiz, mano Jean, mana Lucivani, Mana Luciane e o mano Guilherme ao qual ainda não conheço, mãe Laudelina, pai Juscelino e meus sobrinhos Bruno, Arthur e Amanda, AMO VOCÊS.

Em especial agradeço à meu esposo Elton que nunca mede esforços para que eu possa percorrer meus caminhos sabendo que sempre estará a meu lado, Te amarei de Janeiro a Janeiro até o mundo acabar.

Agradeço aos mestres que tanto me ensinaram ao longo dessa jornada e também a UNESCO por me proporcionar conhecer outro mundo, por nos incentivar a sermos críticos e reflexivos, em especial minha orientadora Kati como gosto de chamar, fico imaginando como seria se ela tivesse mais altura, seria difícil a quantia de sabedoria que poderíamos sugar dela, já não conseguimos contando com sua pequenez, você é a minha inspiração mais sensível.

Às minhas bancas examinadoras Édina e Odete que foram escolhidas a dedo com muito carinho, vocês são também inspiração, pela inventividade, criatividade, poesia e sensibilidade, não poderia eu ter tido mais sorte nessa escolha.

Aos professores Sérgio e Juliano obrigado por acreditarem em mim.

A coordenadora Aurélia que se esforçou bastante para encaixar minhas disciplinas e com isso conseguir seguir adiante, minha gratidão a você.

Ao professor Marcelo que acolheu por diversas vezes minhas queixas e atendeu com carinho muitos de meus pedidos, minha gratidão.

A secretária Rosi, que pessoa excepcional, exemplo de pró-atividade e competência, exemplo de pessoa boa e acolhedora, adoro você, minha gratidão.

Aos meus colegas de turma, em especial Cibele, Raine, Adriano, Paloma, Oniela, Thays, Taiana, Samanta, Tais e Jéssica aos quais criei laços que jamais se desfarão, obrigado por tudo.

“Conheça todas as teorias, domine todas as técnicas, mas ao tocar uma alma humana, seja apenas outra alma humana.”

Carl Gustav Jung.

RESUMO

A presente pesquisa, na linha Processos, Poéticas e Educação do curso de Artes Visuais- Licenciatura da Universidade do extremo Sul Catarinense- UNESC, tem como objetivo refletir sobre o conhecimento sensível, na arte, na formação dos professores, na formação humana, juntamente com linguagens da arte. Para tanto meu problema de pesquisa é: Como a arte pode promover o sensível, a partir das linguagens que permitem nos reconhecer em cenas do cotidiano? O embasamento teórico se dá por caminhos rizomáticos, a pesquisa é bibliográfica, midiática e se sustenta no método cartográfico. Trago no referencial teórico concepções de sensível por vários autores e vou costurando esses saberes seguindo caminhos cartográficos que me leva a discutir a importância dessa sensibilidade nos professores e também como esse sensível pode ser encontrado na arte, e a sua importância na formação humana. Alguns autores que me acompanham nesse caminho são: José Francisco Duarte Junior (2011), Rubem Alves (2004), Aurélia Regina Honorato (2015), Marilda Oliveira de Oliveira (2005), entre outros. A pesquisa levantou alguns questionamentos e reflexões sobre a formação de professores a partir do documentário “Nunca me sonharam”, sobre a formação humana discutimos sob a perspectiva do filme “Nise: o coração da loucura” e obras do artista “Bispo do Rosário”, a pesquisa levanta reflexões sobre a importância de programas do nosso cotidiano como as séries “Anne With an e” e “Black Mirror”, e como estes podem promover conhecimento sensível e reflexão, trazendo o teatro do Oprimido que conversa com o sensível e as demais linguagens sendo um forte propositor nesse sentido. O estudo mostrou que precisamos nos localizar enquanto seres humanos e repensar nosso olhar de mundo, para que possamos articular melhores estratégias para gerir a vida, a educação, a formação humana, essa nossa criança interior que pode estar adormecida pela racionalidade.

Palavras-chave: Arte. Conhecimento sensível. Formação de professores. Formação humana.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Black Mirror, 2016. Avaliando e conferindo pontuação.....	22
Figura 2: Black Mirror, 2016. Aguardando avaliações.	23
Figura 3: Black Mirror, 2016. Trocando avaliações.	23
Figura 4: Black Mirror, 2011. Episódio quinze milhões de méritos, gerando energia.....	24
Figura 5: Black Mirror, 2011. Buscando conexão com o real por meio de dobradura.	25
Figura 6: Black Mirror, 2011. Conversas virtuais.....	25
Figura 7: Black Mirror, 2011. Entretenimento obrigatório.	26
Figura 8: Black Mirror, 2011. Conexão com o que foi real.....	26
Figura 9: Black Mirror, 2011. Eu sou um artista, performance sobre o real, pessoas e importância.	27
Figura 10: Black Mirror, 2011. O artista morre, condição para seu “avatar” não precisar mais pedalar para gerar energia com direito agora a ser o entretenimento.....	27
Figura 11: Black Mirror, 2013. Um personagem fictício concorre as eleições.	28
Figura 12: Black Mirror, 2013. Não existe limite para o que é fake, um voto de protesto.	29
Figura 13: Black Mirror, 2017. Implante.	30
Figura 14: Black Mirror, 2017. Filtros impedem que se veja aquilo que aumenta o nível de cortisol.....	31
Figura 15: Black Mirror, 2017. Cognição em risco não sabe distinguir situações de estresse de outras normais devido aos filtros.....	32
Figura 16: Anne With an e, 2017. À espera de um sonho.	33
Figura 17: Anne With an e, 2017. Um caminho com floresta encantada e lago das águas brilhantes.	34
Figura 18: Anne With an e, 2017. Imaginação e realidade.	35
Figura 19: Anne With an e, 2017. Princesa Cordélia.....	36
Figura 20: Anne With an e, 2017. Ficções.....	36
Figura 21: Anne With an e, 2017.	37
Figura 22: Anne With an e, 2018.	38
Figura 23: Anne With an e, 2018. Juro fielmente ser sua amiga enquanto houver sol e lua no céu.	39
Figura 24: Anne With an e, 2018. somos um floco de neve.....	40
Figura 25: Anne With an e, 2018. Preciso me enfeitar para ser aceita, ser ruiva é o meu calvário.....	41
Figura 26: Anne With an e, 2018. Somos o que queremos ser.....	41
Figura 27: Nunca me sonharam, 2017.....	50
Figura 28: Nunca me sonharam, 2017. É difícil ser menor, ser mulher, ser negra e ser pobre.	53
Figura 29: Nunca me sonharam, 2017. Sobre a juventude ser o futuro.	53
Figura 30: Nunca me sonharam, 2017. sobre perspectivas.....	54
Figura 31: Bispo do Rosário, Manto de apresentação.....	71
Figura 32: Bispo do Rosário. Muro no fundo da minha casa.....	72
Figura 33: Nise o coração da loucura, 2016. Isolamento humano.....	73
Figura 34: Nise o coração da loucura. Lobotomia.....	74
Figura 35: Nise o coração da loucura, 2016. Limpar a poeira das almas.....	74
Figura 36: Nise o coração da loucura, 2016. Uma luz que se acende.	75

Figura 37: Nise o coração da loucura, 2016. Naturalidade e compreensão.....	76
Figura 38: Nise o coração da loucura, 2016. Segurar com vontade uma mão.....	76
Figura 39: Nise o coração da loucura, 2016. Expressar o que se sentia com o melhor substrato (fezes).	77
Figura 40: Nise o coração da loucura, 2016. Soltando o inconsciente.....	78
Figura 41: Nise o coração da loucura, 2016. Vestindo as almas para um passeio.....	79
Figura 42: Nise o coração da loucura, 2016. Sentir-se, espalhar-se.....	79
Figura 43: Nise o coração da loucura, 2016. Figuras e simbologias, reorganizando a comunicação.	80
Figura 44:Nise o coração da loucura, 2016. Mostrando para o mundo que existem.	81
Figura 45: Nise o coração da loucura, 2016. Os “loucos” cruzam os muros e adentram a galeria.	81
Figura 46: Nise o coração da loucura, 2016. Arte e humanização.....	82

SUMARIO

LISTA DE ILUSTRAÇÕES.....	7
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS	10
1. QUEBRANDO AS 'REGRAS'	11
2. (RE)CONHECER: O NINHO ONDE BATE UM CORAÇÃO	15
3. MAGIA, POESIA, CORAÇÃO E DOR.....	20
4. D.N.A CRESCER E FLORES(SER).....	43
5. TRANSFOR(AMAR).....	48
5. CUIDAR - REPOUSO ABSOLUTO	59
6. FORMA(AÇÃO) DE SER/SENTIR (RE) EXISTIR	66
7. ROMPER, NATURALIZAR, (RE)CONHECER, BRINCAR	84
TABELA 1	92
7. NASCIMENTO, CRIAR(AÇÃO), MAGIA, EXPERIÊNCIA SENSÍVEL	96
REFERÊNCIAS.....	103

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT Associação Brasileira de Normas Técnicas

PCN Parâmetros Curriculares Nacionais

UNESC Universidade do Extremo Sul Catarinense

TCC Trabalho de conclusão de curso

MEC Ministério da educação

1. QUEBRANDO AS 'REGRAS'

A presente pesquisa tem por objetivo refletir sobre o conhecimento sensível na Arte, na formação dos professores de Artes, na condição humana e formação do sujeito trazendo juntamente o pensamento crítico e reflexivo, perpassando por linguagens da arte, sendo elas cinema e teatro, a fim de perceber como a arte contribui para desenvolver esse sujeito sensível, crítico e reflexivo, interligando discussões sobre o *Teatro do Oprimido* e as séries *Black Mirror* e *Anne with an e*, no que diz respeito à visualização externa que estes proporcionam, de como nos encontramos enquanto sujeitos pensantes e atuantes na nossa e na vida das outras pessoas, bem como a experiência estética que proporciona desenvolver a criatividade, imaginação, pensamento crítico e reflexivo.

Como problema de pesquisa trago: *Como a arte pode promover o sensível, a partir das linguagens que permitem nos reconhecer em cenas do cotidiano?* Para guiar essa questão minhas norteadoras são: Quais caminhos possíveis na arte podem suscitar o sensível, o crítico e o reflexivo levando em consideração a formação de professores? Qual a importância da arte na formação do sujeito e na condição humana? Quais caminhos as instituições de ensino podem adotar para oportunizar desenvolver um sujeito crítico e reflexivo? Como o teatro do oprimido pode promover uma reflexão acerca de vivências e consequentemente instigar a mudanças? Como as linguagens midiáticas do cotidiano podem promover um conhecimento sensível, crítico e reflexivo?

Para enriquecer minha pesquisa trarei imagens do artista *Bispo do Rosário* e o filme *Nise: o coração da loucura* para uma discussão acerca de arte, sensibilidade e experiência como agente transformador do sujeito, questões essas que tem fator potencializador de trazer a tona questões do inconsciente.

Como busco evidenciar esse sensível, que é da essência humana e também próximo da arte e que está um tanto adormecido, optei por fazer dessa pesquisa um 'objeto de arte', por esse motivo é proposital que algumas questões fiquem abertas, porque é assim também minha visão de arte, por isso meu processo segue alguns 'descaminhos' a fim de tornar o processo provocativo e questionador.

Para que isso pudesse fluir de forma mais eficiente e abrangente busco uma escrita menos engessada, trazendo uma linguagem bem pessoal e poética, fazendo uso extremo das palavras, linguagem coloquial, e também algumas metáforas que virão entre aspas simples, procurando quebrar os padrões e possibilitar uma leitura leve, de fácil compreensão por aqueles que não tiveram a oportunidade de estar na academia.

Para que eu possa percorrer por diversos caminhos, sigo a linha de pesquisa cartográfica, que deleita o meu caminhar enquanto estudante da rede pública e também da universidade, para sustentar meus 'devaneios' trago autores como João Francisco Duarte Junior (2011), Silvia Sell Duarte Pillotto (2015), Aurélia Regina de Souza Honorato (2015), Marilda Oliveira de Oliveira (2005), Rubem Alves (2004) entre outros.

A pesquisa busca emergir uma reflexão a cerca da formação de professores, a formação do sujeito, a condição humana, a ressignificação de conceitos e a importância da experiência com arte não só no âmbito escolar, mas para a contribuição de seres críticos e reflexivos a fim de atravessar fronteiras inimagináveis.

A organização dos capítulos se dá da seguinte forma, a introdução se intitula 'QUEBRANDO REGRAS', o primeiro capítulo, leva o nome de 'RECONHECER: O NINHO ONDE BATE UM CORAÇÃO', nele explano algumas ideias sobre minha paixão pela linguagem do teatro; o segundo capítulo trata sobre a linguagem do cinema de uma forma mais generalizada e se intitula 'MAGIA, POESIA, CORAÇÃO E DOR'; no terceiro capítulo abordo o sensível pelas lentes de vários autores, inclusive a minha visão a respeito, o mesmo leva o nome de 'D.N.A CRESCER E FLORES(SER)'; o capítulo quarto se intitula 'TRANSFOR(AMAR)' e nele trago uma conversa sobre formação de professores; o capítulo quinto é nomeado 'CUIDAR-REPOUSO ABSOLUTO', abordo a arte educação com autores que trazem uma visão bem diferente a qual estava habituada; no sexto capítulo enfatizo a importância da arte na formação humana, o mesmo é nomeado de 'FORMA(AÇÃO) DE SER/SENTIR (RE) EXISTIR'; o sétimo capítulo é meu projeto de curso que se intitula 'ROMPER, NATURALIZAR, (RE) CONHECER, BRINCAR, por fim meu último e oitavo capítulo se intitula 'NASCIMENTO, CRIAR(AÇÃO), MAGIA, EXPERIÊNCIA SENSÍVEL, nele converso sobre a pesquisa e seus desdobramentos, todos esses

títulos fazem menção a este 'GESTAR' que intitula minha pesquisa, essa gestação que traz muitas (des)cobertas, (des)caminhos, (des)aprenderes e (des)regulamentos.

A presente pesquisa tem como referencial a linha de processos, poéticas e educação do curso de Artes Visuais Licenciatura da Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC, onde "Criação, fazer e linguagens no campo da educação. Estudo dos elementos e processos de criação, reflexão e poéticas das artes visuais" (UNESC, 2014, p.4)¹

No que diz respeito aos procedimentos técnicos é uma pesquisa de caráter midiático e bibliográfico que Santos, define como:

[...] *Bibliografia* é o conjunto de materiais escritos (gráfica ou eletronicamente) a respeito de um assunto. Constitui-se numa preciosa fonte de informações, com dados já organizados e analisados como informações e ideias prontas. (SANTOS, 2004, p.27).

Com o intuito de tornar a escrita menos sólida, mais leve e poética versarei com meus pensamentos, experiências, devaneios e sonhos enquanto discente do curso de Artes Visuais, procurando fazer uma pesquisa rizomática, onde possa o leitor viajar comigo num universo cheio de metáforas e exageros.

É a partir das minhas vivências, experiências e das percepções no caminho acadêmico que procuro elencar fatos mais importantes que venham a contribuir para responder as inquietações suscitadas durante esse percurso, buscando no método cartográfico, o qual me permite brincar (metáforas analogias) dentro da pesquisa, onde discorro meus pensamentos, sentimentos, experiências; ora poetizo, ora me exacerbo a fim de tornar o processo divertido, desafiador e acima de tudo reflexivo. Dessa maneira Passos e Barros abordam a cartografia como:

A cartografia como método de pesquisa-intervenção pressupõe uma orientação do trabalho do pesquisador que não se faz de modo prescritivo, por regras já prontas, nem com objetivos previamente estabelecidos. No entanto, não se trata de uma ação sem direção, já que a cartografia reverte o sentido tradicional de método sem abrir mão da orientação do percurso da pesquisa. [...] A diretriz cartográfica se faz por pistas que orientem o percurso da pesquisa sempre considerando os efeitos do processo do pesquisar sobre o objeto da pesquisa, o pesquisador e seus resultados. (PASSOS; BARROS, 2009, p. 17)

¹ Normas para Tcc:

O principal objetivo da pesquisa é a reflexão a respeito desse ser sensível, que na maioria das vezes pouco aparece nos dias atuais, objetivo causar estranheza com a forma como conduzi a pesquisa (com minha petulância ao me dirigir ao ensino e as instituições) e ao mesmo tempo com olhos de criança que acredita que sentir é mais importante que saber, porque aprendemos melhor brincando.

Busco deixar muitas questões a serem refletidas e sonho acima de tudo que sejam aceitas, questionadas, discutidas, melhoradas, enfim; acionadas sem medo, com verdade, como quem realmente nada quer em troca. Que possamos ter um ensino significativo, onde o mesmo possa ser desenhado, esculpido, gravado, inspirado ou tatuado na memória e no coração de quem os recebeu, como um ensino pautado no respeito pelo ser humano acima de tudo, o levando a carregar viva em memória à oportunidade de viajar por territórios surreais, irreais e reais, em que a experiência seja como fonte desencadeadora de estímulos à reflexão e transformação, que possibilite a mudança de uma vida fadada ao desespero de sempre ter que alcançar algo, é uma construção de um novo 'ser professor' e um novo 'ser humano'. Com a referida pesquisa procura-se refletir as questões elencadas, bem como ampliar os conhecimentos acerca das linguagens da arte.

2. (RE)CONHECER: O NINHO ONDE BATE UM CORAÇÃO

O casulo da não borboleta e a abelha rainha
(SILVA, 2018).

O teatro é uma linguagem da arte a qual me identifico muito, desde criança gostava de encenar, fazer fantoches, brincar de assumir outros personagens. Durante o tempo na universidade tive a oportunidade de cursar uma disciplina de teatro, a qual só fez reavivar minha paixão. Essa linguagem da arte carrega uma riqueza que desenha histórias e compõe narrativas, com corpos, vozes e sentimentos; dá asas à imaginação, nos lança no ócio, vício e real, é uma junção de uma significância artística imediata, porque o espectador responde com cenhos franzidos, choros, gargalhadas, estranhezas ou empatias, à este respeito Vianna e Strazzacappa discorrem:

O teatro possibilita a vivência de outras identidades por meio da representação ou da criação de personagens. Nele, podemos vivenciar momentos que pertencem ao cotidiano de outras pessoas. Podemos experimentar, por meio de uma reconstrução lógica, o desenvolvimento de uma história – real ou metafórica – que fale de cada um de nós, daqueles ligados a nós de alguma maneira, de amigos ou vizinhos, de nossos pais, de inimigos... Enfim, ao nos colocarmos no papel do outro, o teatro nos dá a possibilidade de conhecer melhor a nós mesmos e aos “outros” que nos rodeiam, e de aprender a abarcar as diferenças em vez de tentar eliminá-las. Pela arte de representar o outro, podemos refletir sobre quem somos e sobre o papel que representamos hoje neste nosso mundo. (VIANNA; STRAZZACAPPA, 2001, p.121).

Foi na disciplina de linguagem teatral e educação que meu amor pelo teatro se tornou maior. Ao tomar conhecimento pelo Teatro do Oprimido foi paixão à primeira vista, quando iniciei a pesquisa para um trabalho solicitado pela professora.

No decorrer da pesquisa encontrei alguns vídeos de seu criador Augusto Boal, que me recordava ter visto enquanto criança no Jornal Nacional, isso me levou aos poucos anos de idade e do sorriso fácil, tempos que a imaginação corria solta, sem vestes, tabus ou preconceitos. Vianna e Strazzacappa descrevem as inúmeras possibilidades que surgem dela:

O exercício da imaginação proporciona um olhar diferenciado e distanciado da realidade, capaz de vasculhá-la, investigá-la e criar diferentes possibilidades de compreendê-la. Ao imaginarmos diferentes possibilidades de sermos, estarmos, agirmos etc., podemos nos dedicar, no plano concreto, à busca de outras maneiras, talvez melhores, de viver e, dessa forma, colocarmo-nos em movimento à procura de melhores alternativas de

realizações do que pretendemos. (VIANNA; STRAZZACAPPA, 2001, p. 117).

O teatro do Oprimido é um conjunto de técnicas que ajudam na hora de montar uma peça teatral, a principal função como o próprio nome já sugere é social e política, retirando o espectador de sua função e colocando-o como ator de sua própria história. No Teatro do Oprimido as pessoas da plateia têm vez e voz, elas podem interferir na peça visando buscar uma solução para aquela situação opressora que está acontecendo.

Segundo Boal (1997, apud Berger, 2012) “O Teatro do Oprimido é baseado na ideia de que todo mundo é teatro mesmo que não faça teatro” ele explica que fazer teatro é aprender um ofício, aprender cenografia, a atuar, a usar o corpo, a VOZ.

Mas ser teatro é ser humano. O que é o ser humano, diferente dos outros animais...O ser humano é aquele que carrega em si o ator e o espectador de si mesmo. Quer dizer no momento que eu estou falando com você eu estou agindo, isto é ação, eu sou ator, mas eu estou me observando muito bem, eu tô vendo minha mão, e tô vendo corpo, eu tô ouvindo minha voz eu estou coordenando meu pensamento. Então eu sou o ator, mas eu sou também o espectador de mim mesmo, o espectador privilegiado, porque eu sou também o escritor do meu texto. Eu sou um dramaturgo no momento do diálogo que cabe a mim. Sou eu quem estou compondo essa parte, então eu sou o meu escritor . . .eu sou o meu figurinista, estou vestido com essa camisa, porque e achei que seria melhor para esse programa, entende, fui eu quem botei, então eu sou o meu figurinista e pra dirigir essa gente toda que eu sou, eu tenho também que ser o meu diretor. Então cada um de nós é tudo que existe dentro do teatro. E a linguagem que a gente usa é a linguagem que o ator usa no palco. Só que ele tem consciência de que está usando essa linguagem e nós na vida real não temos, na vida cotidiana não temos. (BOAL,1997, apud BERGER, 2012, p.107)

Ser teatro é ter a oportunidade de nos enxergar melhor, de visualizar e melhorar situações cotidianas que por vezes passam despercebidas, se “somos teatro” como disse Boal (1997, apud Berger, 2012) então podemos mudar o rumo da nossa história, porque somos também os escritores dela, somos o ator, somos o figurinista, o diretor, entender essa capacidade que é nossa é importante para que possamos sair da zona oprimida e assumir o controle da nossa própria história, Boal (1997) explica que o Teatro do Oprimido é um método que busca desenvolver as pessoas, que é uma linguagem que soma todas as outras.

Ela cria essa possibilidade que nós temos de nos observar, quer dizer, o teatro é a representação do real. Você na representação do real, pode se estudar melhor que na vida cotidiana, do dia-a-dia. Então você podendo estudar melhor e você sendo teatro, você pode inventar o futuro, em vez de

esperar por ele. Se você espera pelo futuro, o pior virá. Se você inventa o futuro, o melhor possível, não o melhor ideal, mas o melhor possível, você pode obtê-lo. Então o Teatro do Oprimido é um teatro que pensa no passado, pra analisando o passado no presente, inventar o futuro. (BOAL, 1997, apud BERGER, 2012, p. 107 e 108).

O método do Teatro do Oprimido que se utiliza das “pessoas que são teatro” Boal (1997), é praticado nos mais diversos países, como a fonte são as próprias pessoas Boal criou técnicas que ajudam as mesmas a desenvolver melhor seu corpo, sua fala, sua criticidade, que ajuda a se enxergar melhor e desenvolver-se para deixar de ser espectador e tornar-se ator.

“Os meios de produção do teatro estão constituídos pelo próprio ser humano, algo que não é tão fácil de se manejar. O corpo humano é sua primeira e principal fonte de gestos e sons” (BOAL, 1991, p.143). Daí a importância de conhecer bem esse corpo e treiná-lo para um melhor desempenho.

Boal, (1991) explica que o Teatro do Oprimido surge por volta de 1960, por grupos de teatro de arena que trabalhavam o teatro jornal em sindicatos, igrejas e associações como resposta ao regime militar que se instaurava no país, banido do Brasil por conta do mesmo, Boal é forçado a se exilar em países vizinhos. Em 1971 funda em Paris, o Centro Teatro do Oprimido e inicia a sistematização de sua metodologia.

Ao retornar ao Brasil em 1986 deu início a Fábrica Popular de Teatro, que tinha como objetivo formar curingas, multiplicadores, com a função de desenvolver grupos populares de teatro por todo o estado do Rio de Janeiro, disseminando assim a sua metodologia pelo país. O que seria então essa metodologia revolucionária que Boal propunha.

A primeira etapa do Teatro do Oprimido consiste num conjunto de exercícios, jogos e técnicas teatrais que visam à desmecanização física e intelectual de quem o pratica. O Teatro do Oprimido é uma metodologia transformadora e propõe o diálogo como meio de refletir e buscar alternativas para conflitos interpessoais e sociais. Em seguida, se constrói com esses sujeitos cenas teatrais onde expressem sua realidade e seus questionamentos resumidos nas opressões que vivenciam e convida o público, a sociedade, para intervir na cena, realizando um verdadeiro ensaio e intervenção na realidade. (BOAL 1991, p.109).

Boal (1991) descreve que há várias etapas para a conversão do espectador em ator e que dentro delas possuem vários graus que resultaram nas diversas técnicas criadas por ele, sendo elas: teatro jornal, teatro invisível, teatro fotonovela,

quebra de repressão, teatro mito, teatro julgamento, rituais e máscaras. (BOAL,1991, p. 143 e 144).

O Teatro Jornal “[...] Consiste em diversas técnicas simples que permitem a transformação de notícias de jornal ou de qualquer outro material não-dramático em cena teatral” (BOAL,1991, p.165). Essa técnica surgiu em resposta à censura imposta pela ditadura, onde conteúdos eram escondidos e inverdades criavam ilusão, a função dessa técnica era decifrar o que se perdeu nas entrelinhas das notícias censuradas.

O Teatro Invisível consiste em realizar uma cena num ambiente onde a mesma deveria de fato acontecer, os atores terão que sustentar a mesma para que não haja desconfiança que se trata de um teatro, os espectadores automaticamente serão espect-atores.

O Teatro Fotonovela é a descrição de um texto de uma fotonovela, onde conforme o mesmo vai sendo lido, os atores vão representando-o, independente do cenário e das características dos atores, depois vai ser discutido as diferenças de como era realmente na fotonovela e como ficou na encenação.

A técnica Quebra de Repressão evidencia trazer um momento de repressão vivenciado pelo participante, mas que tenha possibilidade de ter ocorrido com as demais pessoas.

O teatro imagem surgiu quando Boal residia no Chile, onde trabalhava com indígenas da Colômbia, Venezuela, México e Peru, ele sentiu a necessidade de comunicação por outra via que não fosse a verbal, fazendo uso do corpo como imagem. O teatro fórum que inicialmente era chamado de dramaturgia simultânea, surgiu quando Boal utilizava técnicas teatrais para um processo de alfabetização no Peru, em 1973.

Consistia basicamente nisto: apresentávamos uma peça contendo um problema ao qual queríamos encontrar uma solução. O espetáculo se desenvolvia até o momento da crise, até o momento em que o Protagonista devia tomar uma decisão. Aí parávamos e perguntávamos aos espectadores o que deveria ele fazer. Cada um dava a sua sugestão. E os atores, no palco, improvisavam uma por uma, até que todas as sugestões se esgotassem (BOAL, 1992, p 19, apud SILVA, 2014, p.29).

O Teatro Mito trata-se de levantar lendas ou mitos e descobrir as verdades que se escondem por detrás do mesmo. “[...] trata-se simplesmente de descobrir o óbvio atrás do mito: contar uma história (um mito conhecido) de uma forma lógica,

revelando as verdades, evidenciando as verdades escondidas” (BOAL, 1991, p. 175). No Teatro Julgamento como o próprio nome já sugere tem algum julgamento que pode ser de valor material ou social.

Rituais e máscaras trata-se da técnica que busca trabalhar as máscaras que usamos no nosso dia a dia, da mesma forma os rituais, o que modifica se assumimos uma máscara diferente, e os rituais como representam importância em tantas relações humanas.

[...] consiste precisamente em revelar as superestruturas, os rituais que coisificam todas as relações humanas, e as máscaras de comportamento social que esses rituais impõe sobre cada pessoa, segundo os papéis que ela desempenha na sociedade e os rituais que deve representar. (BOAL, 1991, p.179)

Com tantas técnicas que nos permitem caminhar pelas mais diversas situações, o Teatro do Oprimido é um presente de Boal para nós, ele é arte porque busca significância aquilo que propõe, porque se alimenta de pessoas e de suas angústias, devaneios e opressões, é arte porque exerce como primeira função desmistificar a ideia de teatro onde havia separação de quem era espectador e quem era ator. A arte de Boal nos permite visualizar questões importantes da sociedade, e nos permite discutir sobre várias perspectivas, por isso sensibiliza, e não só, é também ação e fruto dessa sensibilização, precisamos pensar mais nesse corpo, porque esse corpo também fala, também sente, esse corpo é cultura e é arte, precisamos trazer à consciência esse corpo muitas vezes adormecido pela razão, por esse motivo trago essa linguagem à minha pesquisa com a finalidade de que possamos conhecer mais à respeito, e que possamos nos apropriar de suas técnicas para melhorar quem nós somos e que mundo queremos.

3. MAGIA, POESIA, CORAÇÃO E DOR

Em especial nesse capítulo trarei algumas discussões acerca das séries *Anne with an e* e *Black Mirror*, no decorrer da pesquisa explano outros exemplos de cinema, trago cinema como uma ideia geral (serie, documentário, filme) estando ciente de que existem vários gêneros que o determinam como qual, no entanto não irei me aprofundar nisso.

Considerada a sétima arte a linguagem do cinema revolucionou a forma como nos portamos diante de um filme, segundo Quintão (2013) inicialmente era como uma espécie de experimento, realizado pelos irmãos Lummière em 1895 com o cinematógrafo, perpassando pelas animações e chegando ao início da ficção científica com George Méliès, o cinema abriu espaço para a imaginação, que agora não vinha somente da nossa mente, mas podia ser compartilhada e ressignificada em telões, acompanhados por um ambiente que proporcionasse a experiência estética, essa agora tinha ‘cores, sabores e amores’.

É no fazer cinema, lidando com o seu entorno, com a alteridade e com as diferenças que adultos e crianças trabalham e inventam juntos. É durante o processo que descobrimos a força que existe em criar um ponto de vista sobre o mundo ou um lugar para ouvir aquilo que nunca antes havíamos parado para escutar (MIGLIORIN, 2016, p.11).

O cinema cresceu e se desenvolveu de forma esplendorosa, envolvendo uma mistura de todas as artes, cumprindo seu papel ao atrelar, arte, tecnologia, entretenimento, “O espectador é aquele que acompanha a criação de sentido na imagem e se encanta com todos os outros sentidos que não foram propositalmente criados” (MIGLIORIN, 2016, p.18-19), com o advento da internet se popularizou e qualquer pessoa tem acesso aos mais diversos tipos de filmes e séries.

[...] A gramática cinematográfica criou uma linguagem profundamente rica; fruto da articulação de códigos e elementos distintos: imagens em movimento, luz, som, música, fala, textos escritos; o cinema tem a seu dispor infinitas possibilidades de produzir significados (DUARTE, 2002, p. 37).

É através da junção desses diversos elementos que compõe o cinema que essa arte conquistou e tornou acessível seu conteúdo aos mais diversos tipos de espectadores, são muitos os estilos de filmes produzidos nos dias atuais, vão desde animações totalmente feitas por gráficos digitais à cenários absurdamente

inacreditáveis, o cinema faz o seu ‘milagre’, os conteúdos também são os mais variados possíveis.

Essa linguagem proporciona experimentar uma série de universos aos quais por inúmeras vezes nos permite um reconhecimento de nós mesmos, outras tantas empatia com a situação, pode também proporcionar reflexão, às vezes a utilizamos como ócio para aliviar a mente barulhenta.

É um leque de possibilidades de se aventurar, sofrer, chorar, sonhar, ter medo, gargalhar, dar significância e asas a imaginação; assim à linguagem do cinema se mantém artisticamente, e para que obtenha o resultado esperado pelo diretor do filme existe um universo de pessoas trabalhando em cada detalhe, são os diretores de arte, de fotografia, de produção, figurino, continuísta entre outros, são muitas as mente engajadas dando o seu melhor a fim de sensibilizar seu espectador.

O filme é uma sucessão, projetada na tela e artisticamente concebida, de cenas que transcorrem em tempos e lugares diferentes, e que são mostradas ao espectador num ângulo visual e num ritmo escolhido pelo autor que se exprime por seu intermédio. O cinema é portanto uma arte e um meio de comunicação (JUNKES, 1979, p. 22).

Como o cinema é fonte de comunicação, logo vem a ser também de influência, para que essa seja positiva é importante que sejamos bons espectadores e saibamos filtrar os filmes que são produzidos com fins meramente lucrativos daqueles que nos produzem catarses, que nos levam junto à trama, que nos retiram do nosso lugar habitual e deixa solta nossa imaginação, percepção.

Através da arte, é possível desenvolver a percepção e a imaginação para apreender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade que foi analisada. (BARBOSA, 2007, p. 23).

Como busco em meu ‘objeto de arte’ uma proposta a reflexão, a sensibilidade, trago duas séries de T.V as quais me afetam dessa maneira: a primeira delas é a série *Black Mirror*² que em português significa “espelho negro”, a série traz como fonte principal para a trama o uso da tecnologia no século XXI.

² Série da plataforma Netflix, que aborda tecnologia, Criador: Charlie Brooker Autores: Charlie Brooker, Jesse Armstrong, Will Bridges.
(<https://www.netflix.com/watch/70264858?trackId=200257859>).

A genialidade com a qual a série é produzida é o que mais me encanta, porque traz cenas de extremo terror, que no dia a dia nem percebemos cometer, a tecnologia nos acorrentou a um outro eu, este talvez reprimido, nos deixou preguiçosos de nós mesmos ou mesmo nos libertou.

A tecnologia têm hoje o poder de endeusar ou esculachar pessoas, era ócio e virou vício, raramente vemos pessoas que não se deixaram amarrar pela quantidade de entretenimento que essa “possivelmente” proporciona. Estamos à um clique do outro, isso gerou uma falsa noção de poder e impunidade à algumas pessoas. A série retrata essas relações que se constituem com base na tecnologia e no exagero com o qual nos habituamos a utilizá-la.

“Queda livre” (figura 1 a 3) é um episódio onde as pessoas são avaliadas nas redes com pontuação, as mesmas conseguem ver em tempo real se sobem ou descem no placar, a partir de uma lente, a tecnologia vem mascarada como propositora de uma narrativa acerca de valores e sociedade, quanto você vale em *likes*?

Figura 1: Black Mirror, 2016. Avaliando e conferindo pontuação.



Fonte: Netflix (<https://www.netflix.com/watch/80104627?trackId=200257859>).

Figura 2: Black Mirror, 2016. Aguardando avaliações.



Fonte: Netflix (<https://www.netflix.com/watch/80104627?trackId=200257859>).

Figura 3: Black Mirror, 2016. Trocando avaliações.



Fonte: Netflix (<https://www.netflix.com/watch/80104627?trackId=200257859>).

Algumas cenas são bem extremas e me possibilitam um reconhecimento não muito distante da nossa realidade, no episódio “Quinze milhões de méritos”, figuras (4 a 10), por exemplo, as pessoas precisam pedalar por horas para gerar energia e

ganhar uma moeda virtual a qual trocam por alimentos e entretenimento. Vivem numa espécie de cubo tecnológico, eles são obrigados a ver determinados anúncios do contrário precisam pagar para não ver, usam seus méritos para melhorar seus *avatars* ou comprar amigos virtuais, tudo ali é virtualizado. Esse episódio retrata bem a relação que estamos tendo com as redes, programas de recompensas, e a falta do contato e das coisas reais, não há vivacidade nenhuma em seus corpos, suas roupas, tudo é automatizado.

O ócio já está se esgotando por isso percebemos tantas propagandas de novos programas de entretenimento, é que está difícil se manter no real? Porque estamos sucumbindo a nós mesmos?

Figura 4: Black Mirror, 2011. Episódio quinze milhões de méritos, gerando energia.



Fonte: Netflix (<https://www.netflix.com/watch/70264858?trackId=200257859>).

Gerando energia para a sobrevivência, eles pedalam durante todo o dia para que possam ganhar uma moeda virtual e assim poder comprar alimentos, o resto é tudo virtual, não há vivacidade aqui, somente automatismo.

Figura 5: Black Mirror, 2011. Buscando conexão com o real por meio de dobradura.



Fonte: Netflix (<https://www.netflix.com/watch/70264858?trackId=200257859>).

Uma embalagem de comida que para muitos de nós seria lixo, nesse ambiente torna-se um substrato de conexão com o mundo real, já pouco existente.

Figura 6: Black Mirror, 2011. Conversas virtuais.



Fonte: Netflix (<https://www.netflix.com/watch/70264858?trackId=200257859>).

As conversas se dão de forma virtualizada com pouco contato físico.

Figura 7: Black Mirror, 2011. Entretenimento obrigatório.



Fonte: Netflix (<https://www.netflix.com/watch/70264858?trackId=200257859>).

As pessoas são obrigadas a ver os entretenimentos propostos, do contrário precisam pagar para não ver, logo, mais horas pedalando, não é permitido fechar os olhos, é necessário estar presente de corpo e olhos abertos ao menos.

Figura 8: Black Mirror, 2011. Conexão com o que foi real



Fonte: Netflix (<https://www.netflix.com/watch/70264858?trackId=200257859>).

O pouco que restou de uma paixão e de uma conexão com o real.

Figura 9: Black Mirror, 2011. Eu sou um artista, performance sobre o real, pessoas e importância.



Fonte: Netflix (<https://www.netflix.com/watch/70264858?trackId=200257859>).

Uma revolta toma conta de um corpo antes adormecido, um nó na garganta que clama gritar para todos ouvirem e verem a importância de ser pessoa.

Figura 10: Black Mirror, 2011. O artista morre, condição para seu “avatar” não precisar mais pedalar para gerar energia com direito agora a ser o entretenimento



Fonte: Netflix (<https://www.netflix.com/watch/70264858?trackId=200257859>).

Aquele que um dia acordou com fúria e vontade de ser pessoa se corrompeu em poucos minutos pelo seu próprio ego, este agora não mais pedala, mais é agora o entretenimento aqueles que ainda o fazem.

Que preço tem o seu conforto?

Que preço tem a luta?

A série aborda questões políticas também, quando um urso de desenho animado é candidato a presidência, inicialmente entra como figurão zombando e fazendo falácias, ganha popularidade e vira voto de protesto, explora nisso como essas questões estão sendo usadas para desvio do que realmente teria importância, no nosso atual quadro político isso ficou bem evidente, quando diversos fake news e campanhas tomavam lugar do que realmente era importante.

Figura 11: Black Mirror, 2013. Um personagem fictício concorre as eleições.



Fonte: Netflix (<https://www.netflix.com/watch/70279175?trackId=200257859>).

O personagem “Waldo” (figura 11 e 12, desenho animado em azul) se torna uma forma de a população protestar contra os candidatos poucos qualificados, o mesmo ridiculariza os demais candidatos com seus possíveis escândalos, a população vê no personagem uma forma de extrapolar sua irritação, no entanto o mesmo percebe que não faz sentido porque no fim se trata de um personagem que pode vir a atrapalhar uma decisão real e importante, que é a candidatura a presidência, porém o egoísmo fala mais alto e a empresa televisiva assume o papel de Waldo afim de obter vantagens lucrativas.

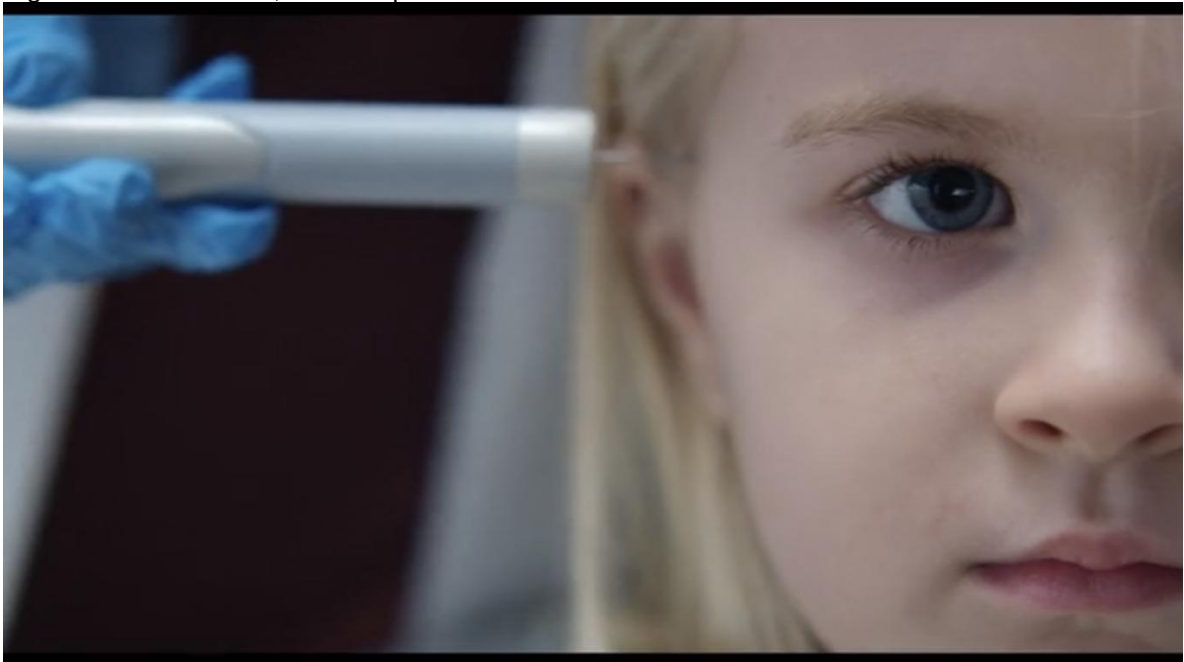
Figura 12: Black Mirror, 2013. Não existe limite para o que é fake, um voto de protesto.



Fonte: Netflix (<https://www.netflix.com/watch/70279175?trackId=200257859>).

O episódio intitulado “Arkangel” (figura 13 a 15) trata da superproteção e invasão de privacidade, quando uma mãe amedrontada insere na filha um chip que a permite ver através de seus olhos, isso gera no início um conforto, no entanto esse é irreal, uma vez que a mãe a protege de tudo que possa lhe causar medo, isso vai ficando insustentável à medida que a menina cresce, então a mãe diz ter destruído a conexão que a permitiria ver, no entanto em uma hora de suposto alarde ela não resiste e retoma a ligar o aparelho, visualizando um momento íntimo da filha, relações são quebradas na série, e na vida real muitas vezes por falta de confiança e superproteção. São muitos os assuntos que a série nos traz à reflexão, sobre como estamos dependentes, o poder das mídias, o poder que a tecnologia exerce sobre nós, os limites entre o real e o irreal, estética relacional, entre outros.

Figura 13: Black Mirror, 2017. Implante.



Fonte: Netflix (<https://www.netflix.com/watch/80131566?trackId=200257859>).

Figura 14: Black Mirror, 2017. Filtros impedem que se veja aquilo que aumenta o nível de cortisol.



Fonte: Netflix (<https://www.netflix.com/watch/80131566?trackId=200257859>).

A superproteção dessa mãe em relação a sua filha vai longe demais, a menina não consegue visualizar as coisas que aumentam seu nível de cortisol (situações de medo, aceleração) e numa situação de emergência como seu avô infartando ela não percebe o que está acontecendo.

Figura 15: Black Mirror, 2017. Cognição em risco não sabe distinguir situações de estresse de outras normais devido aos filtros.



Fonte: Netflix (<https://www.netflix.com/watch/80131566?trackId=200257859>).

Com o intuito de pensar a imaginação, percepção, ludicidade exponho a experiência estética e sensibilização que a série “Anne with an e” (figuras 16 à 26) me proporcionou. Em português o título significa “Anne com e” esta é uma adaptação de um livro datado do ano de 1908, cujo título era “Anne of Green Gables” (L.M. Montgomery).

Nela conta a história de Anne Shirley, uma órfã que fora adotada supostamente por engano por um casal de irmãos que precisava de um menino para ajudar nos afazeres da fazenda, ao se depararem com o acontecido o casal pensa imediatamente em devolvê-la, no entanto Anne desesperada por um lar tenta de inúmeras formas os convencer a ficar com ela, se dispõe a fazer o serviço da fazenda e o que mais que lhe peçam, Mathew, irmão de Marilla se dispõe a levá-la de volta, no entanto no caminho ele vai se surpreendendo com as histórias e a forma como Anne enxerga o mundo, é como se tudo fosse um livro com poucos rabiscos e a medida que o caminho vai sendo percorrido ela vai desenhando e colorindo tudo à sua volta trazendo as fantasias da sua imaginação para o real, não importa se sua situação é trágica porque ela ressignifica com sua criatividade e imaginação, Mathew então resolve lhe dar uma chance de ficar.

Figura 16: Anne With an e, 2017. À espera de um sonho.



Fonte: Netflix (<https://www.netflix.com/watch/80136236?trackId=200257859>).

Anne aguarda ansiosa a família que irá adotá-la.

Figura 17: Anne With an e, 2017. Um caminho com floresta encantada e lago das águas brilhantes.



Fonte: Netflix (<https://www.netflix.com/watch/80136236?trackId=200257859>).

No caminho Anne vem ressignificando seus conflitos internos, ela sabe que seus novos pais pensavam que ela seria um menino, no entanto ela não se deixa afligir e vê a beleza que há em seu entorno, nomeia a floresta próxima de “encantada” e o lago de “lago das águas brilhantes”.

Figura 18: Anne With an e, 2017. Imaginação e realidade.



Fonte: Netflix (<https://www.netflix.com/watch/80136236?trackId=200257859>).

Anne não acreditava que um dia seu sonho de ser adotada poderia se tornar real e passa o dia se beliscando para tentar provar que não é sonho ou fantasia.

Figura 19: Anne With an e, 2017. Princesa Cordélia



Fonte: Netflix (<https://www.netflix.com/watch/80136236?trackId=200257859>).

Anne está desolada porque será devolvida ao orfanato, ela se deixa sentir, chorar e desesperar, no entanto no dia seguinte Anne traz a personagem Princesa Cordélia para ajudar a imaginar um dia diferente do que realmente é.

Figura 20: Anne With an e, 2017. Ficções



Fonte: Netflix (<https://www.netflix.com/watch/80136236?trackId=200257859>).

O retorno é cruel, no caminho Anne vai inventando muitas histórias, porque elas são mais bonitas que a sua real, me chama muito atenção uma frase dita por ela “É triste que nunca tenha tido a oportunidade de ser filha”. Essa frase me transportou para esses lares adotivos e me fez refletir como se dão as relações lá, como fica a formação humana, formação do sujeito dentro de toda uma desestrutura emocional em um ambiente que muitas vezes não possui uma boa estrutura física e um acolhimento que possa chegar perto do que esse ser necessita quando adentra nesses ambientes.

Figura 21: Anne With an e, 2017.



Fonte: Netflix (<https://www.netflix.com/watch/80136236?trackId=200257859>).

Anne decide não mais voltar ao orfanato e se intitula independente, para isso resolve declamar poesias como meio de ganhar dinheiro.

Anne é uma mistura de drama, poesia, imaginação e inventividade, com o seu passado nada agradável ela aprendeu a ver as coisas com outros olhos e tudo fica mais vivido ao seu olhar, os questionamentos são presentes a todo o momento, pois Anne não entende como é viver em sociedade e em muitos momentos isso reflete negativamente sobre ela.

Figura 22: Anne With an e, 2018.



Fonte: Netflix (<https://www.netflix.com/watch/80198389?trackId=155573560>).

Escola, um lugar onde se cultivam relações, bullying e pré-conceito, este ambiente que muito ensina, muito machuca, quando se trata de relações, na série por diversas vezes evidencia esses conflitos.

A série é apaixonante não só pela trama que envolve temas muito importantes como: feminismo, bullying, pré-conceito, adoção, modelo de família, gênero, entre outros. Quanto ao roteiro, fotografia, sonoplastia, a série é surpreendente e consegue prender o espectador. É como se você desse as mãos e se encontrasse junto à trama com Anne, é inspiradora a sensação, a sensibilidade com que os temas são tratados, existe uma delicadeza quase mágica nisso.

Figura 23: Anne With an e, 2018. Juro fielmente ser sua amiga enquanto houver sol e lua no céu.



Fonte: Netflix (<https://www.netflix.com/watch/80198389?trackId=155573560>).

A série aborda uma questão pouco vista nessa linguagem, que são os sentimentos das crianças, trazendo isso de forma bem natural e cativante, uma das cenas as quais mais me relembra isso é a que a melhor amiga de Anne, Diana resolve não mais se importar com as regras de etiquetas, as quais a qualificaria para ter um bom marido e resolve somente brincar, são cenas que nos trazem ao nosso cotidiano e nos fazem refletir questões que há muito já deviam se dar por resolvidas, nos rememoram sobre o peso que colocamos em nossas crianças a respeito de muitas coisas.

Figura 24: Anne With an e, 2018. somos um floco de neve.



Fonte: Netflix (<https://www.netflix.com/watch/80136241?trackId=200257859>).

Somos como floco de neve, em um instante derretemos e a nossa solidez se desmancha e escorre por nossos dedos, assim é também a vida.

Outra cena bem marcante é a que Anne pinta seus cabelos até então ruivos de preto com o intuito de ser mais aceita pela sociedade, isso me lembra de como tentamos o tempo todo nos encaixar, isso reflete em nossas crianças que a todo instante já se mostram estimuladas a demonstrar comportamentos que se adequem ao modelo de sociedade vigente.

Figura 25: Anne With an e, 2018. Preciso me enfeitar para ser aceita, ser ruiva é o meu calvário.



Fonte: Netflix (<https://www.netflix.com/watch/80198390?trackId=200257859>).

Figura 26: Anne With an e, 2018. Somos o que queremos ser.



Fonte: Netflix (<https://www.netflix.com/watch/80198390?trackId=200257859>).

A série é um achado importante na medida em que fala sobre vários temas polêmicos de uma forma leve, fantasiosa, mas real, a fotografia traz um ar romântico que dá a leveza e contrasta com a dramaticidade das relações e do modelo de sociedade, tudo parece se encaixar de uma maneira mágica e é aí que vejo arte, quando uma simples série que por muitos seria vista em um momento de ócio, desperta tantas reflexões sobre nós, sobre o mundo, sobre escolhas, sobre ser

criança, nos mostra novas maneiras de ver o nosso mundo real pelos olhos inventivos, questionadores e dramáticos de Anne, a arte está na significância que ela promove no indivíduo. Essas linguagens que nos parece meramente entretenimento, tem grande fator potencializador de pensamento crítico e reflexivo na medida que sensibiliza e causa empatia.

4. D.N.A CRESCER E FLORES(SER)

O sensível, ‘eita’ palavrinha, ela parece com algodão doce, é quase irreal quando vemos como ele é feito, de poucos grãosinhos se transforma numa nuvem fofinha e colorida, que com a primeira mordida logo vai tratando de se derreter e espalhar um gostinho de infância, e a grande nuvem agora virou memória que acaricia a nossa história, isso é mesmo sensível, coisa da “não-razão” (Duarte 2011, apud Lins, 2011), Duarte (2011, apud Lins, 2011) é quem traz essa ideia de não-razão quando fala em arte-educação, ele chama isso de saber sensível, que seria esse saber que o nosso corpo detém e embasa todo o conhecimento intelectual e que a educação estética seria uma forma de educar esse saber sensível, que é o saber não-razional, o saber que é dado, basicamente, pelo nosso corpo, pela nossa sensibilidade e que pode ser educado de muitas maneiras. A arte seria uma dessas maneiras (Duarte, 2011 apud Lins, 2011).

Aí me deparo com essa ‘deliciosa sopinha de letrinhas’ que (LINS, 2011, p.11), traz “Se esses diálogos não iluminarem a nossa razão que ao menos nos desvele a desrazão, o “acriançamento das palavras” como disse Manoel de Barros”.

Para Duarte (2011), a arte assume uma função pedagógica no sentido de trazer à tona essa dimensão intangível do sentimento, uma concretude e uma simbolização desse mundo sensível, é enigmático na mesma medida em que é literal. Essa ideia de educar essa sensibilidade por meio da arte, pensando assim a experiência estética também é citada por Camargo:

Entendemos que, por meio da aproximação com as artes, a estética pode vir a ser um instrumento para a educação do sensível, levando-nos a descobrir formas até então inusitadas de perceber o mundo. Por meio da experiência estética o homem desenvolve a capacidade sensível, a percepção, e constrói um olhar que o incentiva a perceber a realidade de diversos ângulos, sob diversos aspectos. (CAMARGO, 2008, p. 469 apud ANJOS; LUCIANO, 2016, p.100).

Não é de hoje que tentamos desmitificar as coisas que não nos é tangível, que exige uma abertura ao irreal, ao inconsciente, a gente fica com medo do ‘bambear da corda’, e muitas vezes não gostamos de pensar, ou mesmo falar sobre isso, penso que isso tem muito a ver com a arte, que contemporânea desde a sua concepção consegue ajudar bastante nesse papel. Segundo Camargo:

Trazer a estética para o cotidiano escolar é respeitar a diferença entre as pessoas. É a defesa da multiplicidade das possibilidades de sentir e expressar. É o reconhecimento da multiplicidade da espécie humana. É, também, o acolhimento das singularidades e o aprendizado da convivência com outros olhares sobre o mundo. (CAMARGO 2008, p. 474 apud ANJOS; LUCIANO, 2016, p.101).

Pensar esse reconhecimento da multiplicidade humana inserida na escola e na vida das pessoas é utópico, é como um dia de chuva em que se espera o arco-íris, você fica lá imaginando e quando menos espera a terra se aquece e ele vem fazer a ponte entre você e a partilha do sensível. Conforme Dutra:

A construção do olhar sensível é indissociável da formação estética do sujeito, pois é preciso olhar com outros olhos, com os olhos do sentido, para que a experiência estética se concretize indo além da mera contemplação, caso contrário, não haverá reflexão crítica a respeito do objeto que se aprecia (DUTRA 2012, p. 17 apud ANJOS; LUCIANO, 2016, p.101).

Se esse olhar sensível é indissociável da formação estética do sujeito, podemos pensar que a arte pode vir a ser um fator contribuinte ao desenvolvimento dessa formação, logo desse sujeito, que devolve isso para a arte em formas variadas, por meio de olhar sensível ao mundo.

Pillotto (2015) aborda algumas dessas formas quando diz que o conhecimento sensível e suas categorias – emoção, intuição, imaginação, criação e percepção – contribuem significativamente nos processos decisórios. Aqueles que lidam direta ou indiretamente com a gestão precisam perceber os indicativos subjetivos e implícitos que podem modificar o cenário da instituição/escola e, principalmente, a condução democrática das situações nesse universo. Isso implica em professores/gestores como se tivessem uma mediunidade capaz de intuir, sair do automático que o sistema lhes impõe e olhar com um olhar de criança, que a nada julga, que resolve tudo com um pedido de desculpas e um abraço, que vê a forma mais simples, que é curiosa, que responde sem papas na língua e que ainda não entende o que é medo. Para Motta:

[...] a intuição é tida como altamente impregnada dos conhecimentos e experiências acumulados pelo indivíduo, mas que, talvez, ainda não sejam parte do próprio consciente. Permanece em nível do inconsciente, onde o processamento de informações para a decisão não reflete, necessariamente, a lógica conhecida dos fatos. Na verdade, a visão contemporânea da decisão gerencial lembra a perspectiva não-científica da administração. (MOTTA, 1999, p. 50 apud PILLOTTO, 2015, p. 39).

De essa forma intuir está ligado a experimentações que nem sempre serão conscientes. Honorato (2015) vai trazer uma ideia de sensível ligada há um instante já e questiona se este é a experiência ou promove o sensível, trazendo o pensamento para o sentido das palavras ela questiona que o sensível não é algo que conjuga no verbo fazer, então como produzi-lo, nesse sentido “O sensível não se faz porque o sensível não é a relação imediata com a coisa, o sensível é a medialidade, é o instante-já, é o meio”. Desse modo

O sensível não é a escrita do livro, não é a pintura da tela, não é o aspecto material, mas sim a externalidade do que sou. É o que está entre. Esta forma de pensar o humano, para mim, é a forma de pensar a experiência. Uma busca pela quarta dimensão do instante-já que é possível. (HONORATO, 2015, p.43)

Bondia (2011 apud Honorato, 2015) traz uma concepção de sensível atrelado às transfigurações do ser, ser esse que ao se abrir ao processo da experiência, se forma, se transforma na própria experiência, a este respeito ele discorre:

Se lhe chamo “princípio de transformação” é porque esse sujeito sensível, vulnerável e ex/posto é um sujeito aberto a sua própria transformação. Ou a transformação de suas palavras, de suas ideias, de seus sentimentos, de suas representações, etc. De fato, na experiência, o sujeito faz a experiência de algo, mas, sobretudo, faz a experiência de sua própria transformação. Daí que a experiência me forma e me transforma. Daí a relação constitutiva entre a ideia de experiência e a ideia de formação. Daí que o resultado da experiência seja a formação ou a transformação do sujeito da experiência. Daí que o sujeito da experiência não seja o sujeito do saber, ou o sujeito do poder, ou o sujeito do querer, senão o sujeito da formação e da transformação. Daí que o sujeito da formação não seja o sujeito da aprendizagem (a menos que entendamos aprendizagem em um sentido cognitivo), nem o sujeito da educação (a menos que entendamos educação como algo que tem que ver com o saber), mas o sujeito da experiência (BONDIA, 2011. p. 7 apud HONORATO, 2015, p. 54-55).

Paralelo à ideia de Bondia (2011) que traz o sujeito da experiência detentor da sua própria transformação, chamado “princípio de transformação”, como podemos pensar o papel da arte nessa busca por ser transformadora de sujeitos sensíveis e sujeitos de experiência? Poderíamos pensar que existe um ‘(entre) lugar’ onde isso habita, Farina enfatiza que:

A arte atual redesenha não apenas a imagem do corpo, como também a sua própria fisicidade. Entende-o como um território de ação, como um espaço de práticas com o sensível, um espaço de questionamento do saber e de experimentação com a existência (FARINA, 2011, p.118).

Esse corpo é ação, ele fala, proclama, reclama, intervém, esse corpo é agora a obra crua posta à mostra na sua forma mais simples, humana e sensível, é o seu espaço, o seu entorno e o seu abraço.

Procurando entender melhor essa questão sensível relacionada com a existência a qual ainda pouco conhecemos, mas que é a que detém a nossa existência enquanto seres humanos, que nos permite deslocarmos para não-razão, para os saberes mundanos cotidianos e fazer-nos relativizar, a este respeito Coccia afirma que:

Vivemos porque podemos ver, ouvir, sentir, saborear o mundo que nos circunda. E somente graças ao sensível chegamos a pensar: sem as imagens que nossos sentidos são capazes de captar, nossos conceitos, tal qual já se escreveu, não passariam de regras vazias, operações conduzidas sobre o nada. A influência da sensação e do sensível sobre nossa vida é enorme, embora permaneça praticamente inexplorada. Enfeitiçada pelas faculdades superiores, a filosofia raramente mediu o peso da sensibilidade sobre a existência humana. Esforçando-se por provar e fundar a racionalidade do homem, procurando separá-lo a qualquer custo do resto dos animais, ela freqüentemente esqueceu que todo homem vive no meio da experiência sensível e que pode sobreviver apenas graças às sensações. [...] O sensível (o ser daquilo que chamamos aqui de imagem em sentido amplo) é aquilo pelo qual vivemos *indiferentemente* à nossa diferença específica de animais racionais: paradoxalmente, ele define a nossa vida enquanto ela ainda não tem nada de *especificamente* humano. Na experiência e no sonho, dormindo e em vigília, vivemos uma vida inferior ao pensamento, não necessariamente definida pela autoconsciência, e integralmente tecida pelo sensível. (COCCIA, 2010, p. 9 e 10)

Que somos muito mais do que podemos imaginar e muito pouco do que sonhamos, habita em nós uma projeção que também possui ligação com o que Carl Gustav Jung (1980) vem a chamar de “inconsciente coletivo”, ela se manifesta em nós por meio de muitas simbologias, sensações, intuições que raramente temos consciência, é como se fosse um átomo que é tão pequeno e tão grande, dentro de cada um há muitos outros.

A saber, esse sensível seria então sair da sua zona de conforto e *experimental* a do outro, é sair dessa matéria que chamamos de *corpo* para experimentar melhor nossa *sensibilidade*, nosso outro lado, para *intuir* melhor, trazer à consciência fatos, imagens e memórias antes escondidas pelo nosso *inconsciente*. Essas por inúmeras vezes se manifestam através das artes, uma vez que as visualizamos estamos trazendo a consciência esse fato e nos sensibilizando com

isso, é ser inquietante, é querer um *mundo de conto de fadas* ao mesmo tempo que se quer *permitir sentir o peso da consciência*, é estar sempre buscando respostas, caminhos diferentes.

É cartografar a alma, os (entre) lugares e as entrelinhas, é deixar-se deficiente da atmosfera terrestre para sentir a si próprio e aos outros. É perceber-se estrela de uma enorme galáxia, é o caminho não a chegada, é o processo não o resultado, é o que está entre o julgamento e a indiferença ou desdém, é permitir-se sentir seja o que for, é a ruptura com o imediato.

5. TRANSFOR(AMAR)

Pensar em formação de professores é como pensar num ‘sapato apertado que não me cabe mais, e a cada vez que calço me machuca me traz desconforto. E não é que não possua outros é que sou obrigada a usar este, estamos todos sendo obrigados pelo sistema a nos machucar, a nos calar, e a pensar sempre à frente, mas nunca no agora’.

Alves (2004) em seu livro "Ao professor, Com meu carinho" descreve que certa vez quando era encarregado pelo setor de ingresso ao doutoramento pela Unicamp, recebia os candidatos trêmulos, se esforçando para parecerem confiantes que sabiam tudo sobre as bibliografias exigidas, então ele teve uma ideia que julgou brilhante, perguntou aos candidatos sobre o que eles gostariam de falar. A reação dos candidatos foi o oposto ao esperado, ficaram em pânico, sabiam a bibliografia perfeitamente, afinal falarem sobre os pensamentos dos outros tudo bem, para isso havia sido treinados desde a infância, mas sobre os seus, não! Isso era novo.

Ele cita que uma das candidatas acreditou ser uma pegadinha e começou a repetir o livro, ele então a interrompeu, dizendo eu já li esse livro, e você está o repetindo direitinho, mas o que queremos ouvir é o que não sabemos, ele lamenta que o excesso de leitura a havia feito esquecer e desaprender a “arte de pensar”.

Parece-me ser isso que vivemos em nossas escolas e universidades, se incentiva minimamente o pensamento próprio, se incentiva muito a leitura, mas não o prazer de ler, e quando se quer falar algo “difícil” a indicação é que busquemos autores e falamos por meio de citações, que em determinadas situações, ficam até desconexas, se o aluno não conseguiu atingir o pensamento do autor, ‘isso é quase um crime, é como se você fosse uma criança e um gigante a carregasse pela mão pendurada pelo braço sem que seus pés alcancem o chão’.

Schopenhauer citado por Alves (2004, p.12) afirma que: “É por isso que, no que se refere a nossas leituras, a arte de *não* ler é sumamente importante”. Quando lemos, outra pessoa pensa por nós: só repetimos o seu processo mental”, isso me parece muito próximo ao modelo de ensino que obtive, é necessário um esforço extra para que você deixe seu próprio pensamento se sobressair.

Alves (2004), diz que se Nietzsche afirma que para aprender é preciso saber dançar, então ele pensa o processo de ensinar como o de fazer amor, fazê-lo é conhecer e conhecer é fazer amor, por isso defende o uso de analogias.

O uso de analogias não indica pobreza de conhecimento, como quer a ciência. Indica exuberância, excesso, transbordamento. As coisas, sozinhas, não se dizem. É preciso que outras coisas as digam. Pois eu estou dizendo que o ato de educar se revela no ato de fazer amor. Quem aprende dos amantes fica um melhor educador. Os alunos conhecerão, conceberão e parirão. (ALVES, 2004, p. 21)

Uma vez que associada ao “ato de fazer amor” (ALVES, 2004), a educação também tem seus dias ‘brochantes’, Alves (2004), diz que sem excitação não existe ereção e assim funciona a inteligência, está lá flácida e ridícula, pequena demais, “curto de inteligência, meio burrinho...”. Não se nota que ela está assim porque ainda não houve um objeto de amor que a excitasse para ter uma ereção. E há alguns professores que são causadores de impotência de inteligência “Exibem seus talos de saberes para humilhar os que ainda não sabem” (Alves, 2004). Diferentemente do pênis, o útero é lugar de criação, onde o novo é gerado, “a mente é como o útero: nela o pensamento procria, não confundi-la com memória, lá é onde ficam guardadas as repetições” (Alves, 2004).

Isso me faz pensar que estamos somente seguindo o fluxo, que somos o ratinho a correr na roda e estamos perdendo toda a parte boa que é deixar de ser experimento para ser experiência, há tantas mentes gigantes esperando serem acordadas.

Figura 27: Nunca me sonharam, 2017.



Fonte: You tube (<https://www.youtube.com/watch?v=S6Di2ZTgMeg&t=2241s>).

O documentário “Nunca me sonharam”³ traz um pouco sobre a realidade enfrentada pelas instituições públicas no Brasil, são problemas de infraestrutura, falta de professores, evasão, falta de perspectiva dos jovens e professores, uma realidade cruel que contribui negativamente no desenvolvimento da formação dessas pessoas e por sua vez reflete na sociedade.

A gente perde para o tráfico, a gente perde para gravidez, e a gente não consegue manter os meninos na escola, e a gente nunca pára para perguntar de fato, nunca ouve de fato porque ele não quer se manter na escola, não quer nada com a vida, não quer estudar, esse menino não vai dar pra nada e quem é que se torna o grande bandido, o temido, é aquele que ninguém quer, porque será que para a bandidagem ele se tornou tão incrível e a gente não consegue ver isso, porque ele também poderia ser um grande líder pra nós. (LIMA, 2017, apud NUNCA, 2017).

O exercício de lecionar exige muito, talvez alguns de nós jamais estaremos aptos, quando se trata de pessoas em situação de vulnerabilidade social então, existe a possibilidade de sermos confundidos com figuras paternas, maternas, que sejamos vistos como refúgio ou mesmo como inimigos, cabe a nós possibilitar que esse encontro seja fruto de um querer primeiramente estar em sala de aula, dispor-se a ser melhor a cada dia e ter um olhar sensível para os alunos e para o mundo como bem diz Lima (2017) precisamos trabalhar essas concepções de família, porque as vezes debitamos na conta da família, mas essa família é uma avó com um neto, é preciso aproximar isso para que venham a escola e precisamos contar coisas novas a esses pais, porque que seus filhos são problemáticos, desobedientes, eles já sabem “que tal me contar uma coisa nova, seu filho é fantástico desenhando, seu filho é fantástico escrevendo, você sabia que ele escreve muito bem, mas não a gente vai lá e malha mais ainda o moleque que já é malhado por todo mundo”

A formação precisa melhorar, definitivamente, é urgente, é gritante, é latente, precisamos trabalhar em conjunto, com a família, com a escola, com a sociedade, com os alunos e principalmente com nós mesmos, é urgente que comecemos a desaprender a forma como estamos concebendo o ensino, a vida, o mundo, estamos rodeados pelos extremos e ninguém mais se entende, que comecemos um

³ Documentário que retrata a realidade das instituições públicas brasileiras pelas lentes de alunos, gestores, professores e especialistas. Direção de Cacau Rhoden, Produção: Marcos Nisti, Estela Renner e Luana Lobo (<https://www.youtube.com/watch?v=S6Di2ZTgMeg&t=2249s>).

movimento de reflexão adjunto de pró-atividade, que nosso caminhar seja mais lento e significativo, que seja como um dia no bosque, com ar puro, flores, árvores e passarinhos.

Eu lembro que era dia de dar visto no caderno e eu fui ver o caderno daquele aluno e estava sujo, com terra, parecia ter derramado algo, você fica até com nojo de pegar, eu fui muito duro com ele nesse dia. Um tempo depois eu fui circular por onde andavam esses alunos e percebi que era estrada de chão com esgoto a céu aberto, me dirigi até a casa daquele aluno, me apresentei como professor Rudinei, a sua mãe com um neném no colo mais algumas crianças agarradas a sua saia, falou que me conhecia, que seu filho gostava muito das minhas aulas, ela foi descrevendo em mínimos detalhes como ele estudava era num cantinho no chão com uma xicara de café na mão, aquilo me fez rememorar aquele dia e me fez me sentir muito mal pelo que fiz, como agi, a compreensão que nossos alunos, eles tem uma bagagem antes de vir para a escola é importantíssimo para qualquer professor conseguir a partir daí ensinar ou transmitir algo de novo pra essa pessoa (SILVA, 2017, apud NUNCA, 2017)

É importante nos entendermos como humanos primeiramente seja professor/aluno e vice versa, para que possamos assim fazer nosso melhor, entendendo também a perspectiva do outro.

A gente discute muito pouco os conteúdos que a gente trabalha com os alunos, de maneira geral, não são conteúdos, não é que não são é que não são interessantes, pode até ser que sejam, o grave é que não são conteúdos importantes para o conhecimento da humanidade hoje, os nossos jovens estão ficando de fora de uma “festa” que eu chamo que a festa da humanidade de produção de conhecimento contemporâneo. (NUNCA, 2017).

Alguns trechos impactantes...

Eu acho que nós abandonamos os jovens, achando que só oferecendo escola tá bom o jovem quer escola que tenha aula, e que tenha aula boa, e que tenha aula que ele participe, que seja uma escola onde ele saia melhor do que ele entrou...

Não existe uma escola perfeita emancipatória numa sociedade opressora...

A gente está abrindo mão de ter um projeto de sociedade que seja capaz de colocar esse país no século XXI de forma digna consistente transformadora ao fazer com que essa escola fique desinteressante, que esses alunos abandonem e que esses alunos sejam desperdiçados...

Figura 28: Nunca me sonharam, 2017. É difícil ser menor, ser mulher, ser negra e ser pobre.



Fonte: You tube (<https://www.youtube.com/watch?v=S6Di2ZTgMeg&t=2249s>).

Escola, educação é importante para todos, mas para resolver a educação a gente precisa resolver esses conflitos éticos que temos na nossa sociedade e impactam fortemente a escola.

A escola é chata, mas mesmo a escola mais chata salva milhões de vidas, a gente fez uma longa luta para redução da mortalidade infantil e agora nós matamos eles com onze, doze, treze anos porque nos não fazemos política pra essa juventude.

Figura 29: Nunca me sonharam, 2017. Sobre a juventude ser o futuro.



Fonte: You tube (<https://www.youtube.com/watch?v=S6Di2ZTgMeg&t=2249s>).

Como meus pais não foram bem sucedidos na vida, eles também não me davam força pra estudar achavam que só quem entrava na universidade era filho de rico, acho que eles não acreditavam que o pobre também pudesse ter conhecimento, ser inteligente, sabe, para eles o máximo era terminar o ensino médio e arrumar um emprego, trabalhar de roça, vendedor, alguma coisa do tipo, acho que nunca me sonharam sendo um psicólogo, sendo um professor, nunca me sonharam sendo um médico eles não sonhavam e não me ensinaram a sonhar eu aprendi sozinho, tô aprendendo a viver também praticamente que só.

Os professores acreditaram em mim até o último momento, me ajudaram a acreditar e a sonhar e isso me ajudou também a refletir sobre as minhas condições, onde eu estava e onde eu podia chegar eu não tinha perspectiva de vida, perspectiva de futuro.

Figura 30: Nunca me sonharam, 2017. sobre perspectivas.



Fonte: You tube

A educação ficou pequena perto da criatividade do jovem...

A gente é uma escola de descendência militar a gente aprende a decorar, a gente não aprende a aprender...

Focam muito na educação para prova, para vestibular, mas esquecem do lado humano, das coisas que você vai ter que aprender a socializar, aprender ao natural.

Muita gente diz que a escola é dos alunos, mas não é não, a escola é do governo, da pessoa que está lá agora governando, por esse tempo é deles, você não pode tomar nenhuma decisão na escola então não é sua.

(Nunca me sonharam, 2017).

Rubem Alves (2004) consegue falar de forma mansa e poética sobre os problemas enfrentados hoje na educação, tem um ditado que diz que é nas brincadeiras que falamos as maiores verdades, estamos mesmo tentando medir demais as coisas que não necessitam disso, (Cesário 2011, citado por Lins, 2011, p. 8 e 9) diz que a educação quer confundir o hábito de medir que é próprio da educação, “ao desejo descompromissado de contemplar e sentir”. Compartilho com a ideia de Lins (2011), quando fala que quer:

Desaprender o sentido da arte-educação e como uma curiosa que não quer descortinar o véu da arte, nem esgotar a compreensão dos descaminhos da educação, mas como uma menina que quer brincar, aprender e desaprender quando as coisas aprendidas estiverem sufocando. Quero educar-me e deseducar-me para poder romper com os regulamentos quando estes regularem demais. (LINS, 2011, p.9)

Lins (2011) vai mais longe ainda com suas ideias sobre arte e educação quando fala que

Há experiências belas acontecendo, há lugares habitados de sentimentos desenhados por crianças e adolescentes, que com fome e sede de beleza, se entregam à dança, ao teatro e à música... Compondo cenários íntimos e lúdicos. São espaços de encontros não-formais que vão na contramão da lógica da educação formal.(LINS, 2011, p.10)

Lins (2011) também questiona se a arte possibilita encontrarmo-nos ou se nos perdemos no nosso próprio caminho, compartilho de seu pensamento quando se refere a uma educação menos adestradora, que perceba outras dimensões do ser humano, não só a razão, mas que perceba outros canais do mundo como faz Cesário, com a intuição, a estética e a imaginação.

Cesário (2011 citado por Lins 2011, p.7), enfatiza ao falar que “arte e sua inutilidade nos provoca a pensar sobre a sociedade que “mata” o indivíduo em nome de um suposto bem estar para todos, e ainda nos leva a pensar o caráter imprevisível e livre da arte”. Isso piora quando pensamos na forma como ela está

disposta nas escolas, Duarte (2011, citado por Lins, 2011), descreve isso como um absurdo e argumenta que muitos profissionais da educação acham que a arte pode ser usada como meio de adquirir conhecimento, fala que as aulas de português “mata”, a poesia e o poema, transformando-os em “cadáveres a serem dissecados com bisturis teóricos” e que “transforma uma obra de arte num corpo sem vida e dele vai extraíndo os órgãos: objetos diretos, sinédoques, metáforas, metonímias etc”.

Penso que esse conhecimento citado por Duarte não é o conhecimento de mundo (subjetivo) proporcionado pela arte, mas sim esse teórico, metodológico para ele esse “procedimento liquida qualquer prazer de um encontro poético” (Duarte, 2011 apud Lins, 2011, p.27). Cesário (2011 apud Lins, 2011) também denuncia essa estrutura dura da escola e adverte que para a inspiração acontecer não precisa de nenhuma atividade programada, ao contrário, é na imprevisibilidade do encontro de contextos e temperamentos que pode acontecer o nascimento do criador e da criação.

Lins (2011) argumenta:

Que a sensação, a paixão, a vaidade, a imaginação nos impulsionam a viver, a criar. E como a escola se apóia em instrumentos tão controladores, tão racionais, como conciliar com a arte? Sobre isso, tanto Duarte, como Cesário defendem que a arte deve estar na escola, mas não refém do currículo escolar.(LINS, 2011, p.7)

Duarte (2011 apud Lins, 2011) afirma que ainda se tratando de arte-educação, onde a “educação é pensada tão-só para desenvolver capacidades lógicas, capacidades técnicas a arte fica meio desajustada” ele cita então Hebert Read que pensou a arte como fundamento da educação, a arte seria a base da mesma que começaria na dimensão do sensível e a razão e o pensamento surgiriam como um aprimoramento que tem seu início no sensível (Duarte, 2011, apud Lins, 2011). Isso seria como um belo dia de sol, a beira mar, contemplar isso só poderia ser divino, sonhar com uma educação que evidencie o “ser humano” antes de ser professor, pai, mãe, avó, é possível, é real, mas exige autoconhecimento.

Duarte (2011, apud Lins, 2011) questiona que a escola atualmente atende uma educação profissionalizante que prima pelas capacidades técnicas e lógicas que o mercado demanda, e a arte, a poesia vista desse ponto de vista é inútil, então qual seria o interesse das instituições educativas pela arte, tendo em vista que estão

a serviço de uma sociedade capitalista que incentiva o consumo desenfreado e ignora o valor das coisas materiais e espirituais?

É necessário que reflitamos mais sobre a importância da vida, que de tudo que nos cerca a única certeza é que nos parece finita, ao menos no plano material, daí a importância de buscar uma valorização, um autoconhecimento desde cedo, e o professor é aquele com quem mais convivemos depois daqueles que nos criam, eles são capazes de despertar inspiração, conforto e não deveriam ser vistos como figura materna ou paterna, deveriam ter isso de sobra em casa, mas a vida não é perfeita, e se nós enquanto adultos projetamos nossos desejos nos outros porque eles não o fariam.

Muitas vezes há uma necessidade por parte da escola de distanciar esse aluno dessa suposta projeção, mas se a vida já lhes arrasta para tantas intempéries, seria bom ter um lugar de aconchego, longe de colocar essa responsabilidade na escola é que escolher lecionar nunca foi depósito, e sim troca, de conhecimentos, sentimentos, é um aprender todos os dias, ali você dissemina conhecimentos e emoções, que nem sempre serão positivas, somos todos ainda crianças, uns mais levados, outros menos, e assim segue o rumo, que pode ser de inspiração ou aversão.

Quando o professor é aberto à vida, sem preconceitos, e receptivo às novas experiências, quando é capaz de diferenciar-se e reintegrar-se, de amadurecer e crescer espiritualmente terá condições para criar e possibilitar o ato criativo aos alunos. O potencial criador é a plena entrega de si e a presença total naquilo que se faz. Ele vem acompanhado da eterna surpresa com as coisas que se renovam no cotidiano, ante cada manhã que ainda não existiu e que não existirá mais de modo igual, ante cada forma que, ao ser criado, começa a dialogar conosco. Os processos de criação e sua realização correspondem a um caminho de desenvolvimento da personalidade. Professor e alunos poderão crescer ao longo de suas vidas, crescer para níveis sempre mais elevados e complexos, para aqueles que existirem latentes em suas potencialidades. (PILLOTTO, 2007, p.115)

As instituições hoje parecem na maioria das vezes meramente ilustrativas de uma educação de qualidade, se vê uma enorme preocupação em formar cada vez mais profissionais das mais diversas áreas, mas poucas vezes se vê um suporte verdadeiramente direcionado ao prazer pelo estudo, muitas não oferecem nem mesmo uma estrutura física adequada. Quando partimos para a parte afetiva ou psicológica então, aí literalmente a 'fratura é exposta', o número de estudantes que fazem uso constante de medicação antidepressiva, vitaminas, bebidas alcoólicas

cresce cada dia mais, isso está se naturalizando, nos ônibus e corredores sempre há alguém falando sobre necessitar de medicação, sobre crises de ansiedade, pânico e tantos outros problemas desencadeados pelo peso que carrega a formação⁴. Esse peso é resultado do modo mecânico ao qual estamos sendo tratados, juntamente com o desequilíbrio que a sociedade capitalista proporciona.

⁴ Compartilho em nota de rodapé por ser uma opinião muito pessoal. Fazer uso dessas substâncias é uma forma de amenizar ou muitas vezes a única forma de dar continuidade à formação, é uma luta como muitas outras que a vida nos oferece, só gostaria que deixássemos essas lutas para a vida mesmo, que já nos exige muito enquanto seres humanos, que pudéssemos nos importar mais com viver melhor, do que com o que precisamos fazer para ganhar mais ou ser mais reconhecidos.

5. CUIDAR - REPOUSO ABSOLUTO

Pensar em arte educação não é uma tarefa fácil, ainda mais na atualidade advinda de uma sociedade capitalista que a tudo quer corromper, Salomé (2009) discute sobre a importância de conteúdos significativos que colaborem para um saber elaborado e a importância de assegurar o espaço da arte como objeto de expressão e conhecimento, no entanto enfatiza que:

As diferentes concepções de arte presentes na escola raras vezes garantem o seu ensino na perspectiva de trabalhar o conhecimento de forma que o homem seja capaz de inserir-se na realidade de maneira crítica e criadora e emancipar-se das formas alienantes e domesticadoras que sobre ele se impõem.(SALOMÉ, 2009, p.3377).

Talvez porque estejamos acostumados a pensar no futuro, através do passado e parece que sempre há tempo, mas o agora não assume seu papel enquanto suscitador de experiências que sejam irrefutáveis de seu lugar espaço/tempo.

Salomé (2009, p.3379) acredita que a arte sendo uma atividade criadora junto ao conhecimento artístico, possibilita o desenvolvimento de uma atitude crítica frente ao mundo, na medida em que é trabalhada como meio de formação dos sentidos humanos. Isso exige entender a concepção de arte que é adotada pela escola, uma vez que ao longo do tempo várias concepções ‘pipocaram’ pelas instituições.

Salomé (2009) cita duas, aquela na qual o indivíduo é dotado de dons e em oposição a esta traz o materialismo dialético (concepção filosófica a qual prega que tudo a nossa volta nos modela e é também modelado por nós) citado por Peixoto (2003 apud Salomé, 2009) que compreende a arte como um produto do trabalho humano espiritual-material como uma forma de expressão e de conhecimento de uma dada realidade, historicamente datada” (PEIXOTO, 2003, p. 50 apud SALOMÉ, 2009, p.3379).

Duarte (2011 apud Lins, 2011) fala que é um retrocesso e empobrecedor considerar a arte como conteúdo, na medida em que esses seriam entendidos pelas pessoas como lógico-conceitual, ou seja: História da Arte, Crítica de Arte, Filosofia da Arte, defende que a arte deveria estar na escola, mas não como currículo, que houvesse um espaço para aulas formais e um espaço cultural, onde houvesse aulas

de teatro, dança, espetáculos para as pessoas assistirem e discutirem com os professores, mas que não se caracterizasse como uma aula . Enfatiza ainda que ao longo do ensino de arte a mesma oscila numa tendência pensada ora pelo lado da experiência, ora pelo lado do conteúdo, isso seria uma falsa polaridade, uma vez que a arte é essencialmente uma experiência e o seu conteúdo é precisamente ser ela a experiência.

Ele exemplifica metaforicamente, que você pode dar um curso sobre natação, os tipos de água, vídeos exemplificando, estudos sobre movimentos musculares, enfim um brilhante curso, e no final os aprendizes fazem uma prova teórica e ganham um diploma, é parecido com que o que vem acontecendo com a arte, estão sendo ministrando cursos sem as pessoas terem experiência de “caírem na água” e aprender com a “experiência da água”, no caso a experiência estética.

Ele cita ainda que na escola o professor deveria ser um facilitador da aprendizagem e que essa haveria de ser por meio dos códigos, que é preciso que se aprenda a ser espectador, que aqueles códigos são símbolos de sentimento, emoções, situações e vivências humanas, exemplifica a história do cinema que foi ao longo dos anos educando seus espectadores, no início com filmes mudos, depois com a figura do explicador que descrevia os detalhes dos códigos cinematográficos, ou seja, fazia as relações para que o público compreendesse a cena, a escola deveria fazer o mesmo, iniciando primeiramente com a reflexão sobre a experiência estética que está tendo como espectador e depois sim a História da arte, Filosofia da arte, entre outras, juntamente com o aprendizado técnico (pintar, desenhar, dançar, etc.).

Penso que se partíssemos primeiramente da experiência estética, seria mais nosso, mais íntimo mais sensível, porque não viria já influenciada por um passado ao qual eu não fiz parte, a experiência é única e exclusiva de cada um, no entanto não é difícil perceber que quando se mostra um referencial, logo os pensamentos se voltam para ele, e por consequência as produções também, precisamos sim de referencial para nos localizar e entendermos muitas coisas, mas para tudo isso, que pudesse vir primeiro o ‘eu’ como ponto de partida.

Todo o saber que você pode ter sobre natação e que, por certo pode ser aprimorado até com teorias, tudo isso só tem sentido depois que você “caiu na piscina”, que aprendeu a nadar, depois que seu corpo conheceu a água,

assim acontece também com a arte. (DUARTE, 2011, apud, LINS, 2011, p. 16).

É um saber que já está em nós e que vai sendo estimulado pelas experiências com as diversas coisas que nos cerca, esse saber, no que diz respeito à arte pode ser educado, segundo Duarte (2011) nessa dimensão que não pode ser educada racionalmente, sendo esta a dimensão da sensibilidade, do sentir, de ver o mundo de outras formas, um refinar nossa percepção, nossos sentimentos, e devemos pensar isso não só como arte, mas como uma educação estética.

Isso poderia nos ajudar a fazer as pazes com nós mesmos e com o mundo, entendendo que somos parte de um todo, que precisamos parar de segregar e entender que cada coisa há de ter seu complemento em outra, Duarte (2011) a arte é parceira da razão em muitas descobertas de construções estéticas, existe uma conexão forte entre o saber inteligível e o saber sensível, para Einstein “a razão era um produto final de todo um sentimento, de visões de mundo, imagens ligadas à estética, ao sensível”.

Uma arte educação que prezasse pelo sensível seria mesmo surreal, ‘é como se depois de adultos pudéssemos chegar ao parque sentar no balanço, sem medo, se impulsionar bem forte para frente e para trás, sentir a felicidade brotar de dentro, criar um espaço seu dentro do mundo dos outros, é importa-se com o todo e não só com você mesmo, é dar as mãos e brincar de roda, é tirar os óculos que me julgam melhor, para que eu veja como é bom o embaçar das coisas, que são coisas das lentes, não próprias minhas, é pensar a mente como uma rosa que de tempos em tempos, brota, desabrocha, se abre, e não mais é possível fechá-la sem que fique sem pétalas, é se permitir contar uma história, entrar nela, se sentir nela e até acreditar nela em dias difíceis’.

A educação é uma possibilidade de crescer e ‘virar flor, é triste que o setor responsável pela jardinagem esteja cultivando, plantando e adubando pouco, parece que são mais focados em agricultura, não que esta não tenha sua importância é trazida aqui como analogia ao consumo para descarte, não este consumo da alma dos olhos, do sensível, esta é plantada com um único fim, alimentar um corpo, esse corpo consome, digere alguns alimentos bem, outros nem tanto, por fim defeca e já

está com fome de novo, é um ciclo incessante de repetição e cabe a quem as outras necessidades desse corpo?’ Esse corpo necessita que ambos estejam em equilíbrio.

‘É quase como se sentir num manicômio e não ser doente, mas estar doente, ter a consciência disso, e ao mesmo tempo agir de forma contrária a cura, e o nosso lugar de paz, de descanso virou ócio, virou vício, transformou, transfigurou, embebedou-se, se perdeu, virtualizou e robotizou’.

Duarte (2011 apud Lins, 2011) intenta que a escola é feita para uma educação profissionalizante, voltada a vestibulares, mercado de trabalho, e que a arte desse ponto de vista se torna inútil, e que ela importa para educação da mesma forma que a educação para a arte, mas isso depende de que tipo de escola estamos falando, se é daquela que quer formar seres humanos ou daquela que visa a profissionalização, nesta segunda a arte até atrapalha, uma vez que poderiam inserir no lugar das aulas de artes conteúdos mais úteis.

Isso me leva a pensar na teoria do panóptico⁵ que o filósofo Foucault (1987) adaptou para estudar as relações de poder, onde a instituição exerce um poder de controle sobre a vida dos alunos muito parecida com as prisões, e que é voltada para a punição antes de tudo, elas exercem o poder, este podemos descrever como exemplo, os currículos, a escolha do que quer que se aprenda, como se quer, quais as punições para quem não as cumprir, essas instituições são citadas como de sequestro, uma vez que nos tiram de nosso espaço social, a fim de nos disciplinar, como um mecanismo de controle, logo de poder.

Quando pensamos na forma tecnicista que a educação é posta, me intriga pensar, que seria cômico, perceber que ao mesmo tempo em que seriam obrigados a aprender uma ‘profissão’, isso os daria um certo poder de autonomia, até que ponto isso seria bom, dependeria do nível de consciência desse ser, que poderia usufruir ou não desse poder atribuído a ele por meio de uma educação tecnicista⁶,

⁵ Panóptico: modelo de prisão criado por Jeremy Bentham que consistia em uma construção em forma de anel e no centro havia uma torre, a visão das celas era interior e exterior, por esse motivo era possível ver qualquer ação do prisioneiro, e os mesmos não podiam ver o interior da torre, por isso ficavam em constante vigilância. (FOUCAULT, 1987, p.165).

⁶ Educação tecnicista: é baseado no sistema capitalista, busca por meio da tecnologia comportamental educar seres competentes para o mercado de trabalho, excluindo a reflexão e as mudanças sociais. (MARQUES, 2012, p. 3-4).

saber entender que se é possível estar preso e usufruir desse tempo e dessa base de forma significativa seria um caminho.

Duarte(2011 apud Lins, 2011) vai trazer uma discussão importante sobre como causamos o efeito contrário nos alunos quando os obrigamos a ler um livro que não é de seu tempo, fichá-lo e submetê-lo a uma avaliação, isso acaba com todo o prazer que a leitura deveria proporcionar, que há autores que você só deveríamos ler depois que se torna um “leitor”, fica difícil entender uma linguagem que não é a sua habitual, isso também acontece na arte.

A obra de arte seja ela um poema, um filme ou um quadro, nesses casos se torna simplesmente uma desculpa, um pretexto, para se aprender teoria, seja Português, História da Arte, qualquer coisa nessa direção.[...] A arte só passa a ser valorizada na escola à medida que você pode usá-la para adquirir uma sabedoria, um conhecimento considerado sério, como a Gramática ou as Escolas Literárias, no caso do Português, ou a História da Arte no caso das artes plásticas. Então, é como se a escola só admitisse a arte na medida em que ela fosse um pretexto para aprender disciplinas consideradas sérias, reflexivas. (DUARTE 2011, apud LINS 2011, p. 28 e 29).

Isso me leva a pensar que Duarte talvez tenha mesmo razão, porque até então não havia me questionado porque no período acadêmico temos tantos créditos nas disciplinas de história da arte e poucos em inclusão, libras, psicologia da aprendizagem, por exemplo, que são disciplinas que teriam grande valia para formarmos seres mais críticos e reflexivos, uma vez que conseguiríamos compreendê-los melhor e ‘falar a sua língua’, isso me pareceu bem tecnicista agora.

Nos perderemos entre monstros
 Da nossa própria criação
 Serão noites inteiras
 Talvez por medo da escuridão
 Ficaremos acordados
 Imaginando alguma solução
 Pra que esse nosso egoísmo
 Não destrua o nosso coração
 Será só imaginação?
 Será que nada vai acontecer?

Será que é tudo isso em vão?

Será que vamos conseguir vencer?

(Será, 1985, Legião Urbana).

Isso me leva a pensar em outra coisa que me intriga, porque ainda estamos nos mesmos moldes de trinta anos atrás, a sociedade evoluiu, mas e as instituições?

Porque falamos tanto em mudança e pouco vemos isso na prática, porque em pesquisas acadêmicas não podemos pensar por nós mesmos e daí sim fazer à dita “defesa”, mostrando ali um pensamento próprio construído ao longo do tempo na academia, é como já dizia Rubem Alves (2004) a gente é incentivado desde sempre a falar pelos outros, mas somente no doutorado poderei falar por mim mesmo, se eu chegar lá é claro, mas isso implica uma rotulação, um ser que nada contra a maré, um ser revoltado e muitas vezes encenqueiro, e para aqueles que não conseguirem chegar lá, o que faltou, foi mesmo leitura, foi mesmo falta de estudo? Como ficam esses outros que se perderam nos pensamentos alheios? Quantas mentes estão sendo desperdiçadas? Porque enfeitamos tanto as coisas que precisam é de simplicidade?

Pensar que a arte pode possibilitar uma formação humana mais ligada ao nosso cotidiano, permitindo nos perceber de tal forma que possamos evoluir enquanto criador, criatura e sociedade. Salomé traz essa arte educação ligada à formação humana.

Pensar numa educação que esteja acessível a todos de forma indiscriminada, é pensar nessa formação humana, onde a Arte contém em si elementos formadores do homem que vão contribuir para o seu processo de humanização que será possível a partir do entendimento do homem enquanto ser social, determinante das ações, das intenções e das transformações através das práticas sociais (SALOMÉ, 2009 p.10).

Talvez pensar por este viés seja o caminho para uma educação mais sensível, mais humana, que leve em consideração que a nossa história se repete, que precisamos ‘virar o disco’, mas que para isso carece de mais envolvimento conjunto, mais estudos, mais iniciativas e mais atitude, para que possamos ‘parar’ de escrever sobre como poderia ser feito, e começamos a escrever o que está mudando, o que tem funcionado, para que, que fim, quem está se beneficiando e

quem não está, para que paramos de só compartilhar por detrás da tela e possamos compartilhar face a face, que possamos nos abrir sem medo de sermos julgados ou banidos, que possamos falar e sermos ouvidos, que aprendamos a escutar e a ouvir, que sejamos a cada dia mais nós mesmos, parafraseando já dizia o poeta Renato Russo.

Hoje eu já sei que sou tudo que preciso ser
Não preciso me desculpar e nem te convencer
O mundo é radical
Não sei onde estou indo
Só sei que não estou perdido
Aprendi a viver um dia de cada vez.

(Só por hoje, 1993, Legião Urbana).

Que possamos entender que há tempo, mas que não fiquemos tão ociosos com isso e esqueçamo-nos de viver o agora, que possamos desacelerar, ou mesmo parar e ficar somente com nós mesmos e nossos pensamentos/sentimentos, e procurar ‘bichinhos nas nuvens’, fazer um pic nik, ir aquela apresentação do filho que você nunca consegue ir, sair com aquela roupa que você adora, mas que tem vergonha de usar, ou mesmo ver a beleza e energia surreal que tem um nascer ou um pôr do sol, quem sabe contar estrelas e de repente eis que avista um cometa e então surge um pedido no qual realmente se acredita capaz de realizar-se, talvez o que mais necessitamos mesmo é de simplicidade, é entender que somos perfeitos na nossa imperfeição, que cada um se completa em si e no outro.

6. FORMA(AÇÃO) DE SER/SENTIR (RE) EXISTIR

Pensar em formação humana é pensar que ela envolve arte, porque ela está intrinsecamente em nós, à arte tem um saber que é sempre contemporâneo, é vanguardista e eu diria até 'vigarista', porque às vezes não nos permite "reconhecer" naquele espaço/tempo como arte, muitas vezes se confunde com outras expressões, mas o que é arte arruma um jeito de reavivar, renascer, talvez não mais no seu tempo, mas num outro olhar, somos seres que precisamos da arte como um meio de deixar falar nosso inconsciente, ela nos proporciona desenhar nossos símbolos, esculpir nossas projeções, pintar sentimentos e emoções, ela permite que ressignifiquemos códigos, que contemos nossos segredos em músicas e que poetizemos dias difíceis, a arte nos acompanha desde os primórdios, em cada tempo cumprindo o mesmo papel, de comunicar, denunciar, expressar, sensibilizar.

Duarte (2011 apud LINS 2011 p.33) cita que "a arte foi algo tão importante em minha vida, contribuiu muito com a minha educação, com a minha formação humana, então ela deve ser algo fundamental para a Educação" a arte forma e transforma pessoas porque atua no íntimo de cada um, porque alcança fronteiras que a razão não consegue, são coisas do intraduzível. Pensar isso na perspectiva educacional é valorizar a vida, é entender que não precisamos ser escravos para que se prove o nosso valor, que precisamos de simplicidade porque a vida por si só é complexa o suficiente, a este respeito Saviani discorre:

[...] o objeto da educação diz respeito, de um lado, à identificação dos elementos culturais que precisam ser assimilados pelos indivíduos da espécie humana para que eles se tornem humanos e, de outro lado e concomitantemente, à descoberta de formas mais adequadas para atingir esse objetivo. (SAVIANI, 2003, p.13 apud SALOMÉ, 2009 p. 3379).

Era o que deveríamos ensinar nas escolas, como se tornar um humano melhor, quais caminhos são mais úteis nesse sentido, é possível estruturar isso no modelo de escola vigente? Cesário (2011, apud Lins, 2011, p. 45) quando questionado se arte pode ser ensinada cita Albert Camus "os homens não aprendem com as circunstâncias, mas com o contato do seu temperamento com as circunstâncias tornam-se o que são" enfatiza que é mais que acessibilidade à arte, é sensibilidade, que encontrar um momento indefinível, que impulse uma tendência individual natural e que isso pode ser desencadeado em qualquer lugar, Cesário cita

como exemplo, um rapaz preso por tráfico, que privado de quase tudo, em um ambiente que poderia ser considerado inartístico, descobriu-se músico e compositor, aprender a tocar violão e aprimorar a técnica foi uma consequência.

A escola pode e deve ser um meio de estimulação da arte, lembrando que torná-la mecânica é um convite a um 'velório de artista', é preciso naturalizar mais as coisas, para que brote a arte que é própria do ser humano, é comum ver grandes artistas quando crianças, eles brincam com as cores, com as tintas, misturam palavras e materiais, falam sem medo, são pura inspiração, à medida que vão crescendo, se tornam mais conscientes do que é viver em sociedade, então começa uma tentativa falida de se 'encaixar', e aos poucos vão perdendo a fala, a inspiração, vão ficando críticos esteticamente pelas coisas ditas "belas", aí perdemos um artista.

Aqueles que se mantêm, muitas vezes se fecham e parecem viver num mundo isolado ao nosso, ou em busca de perfeição, isso se mostra perceptível em suas falas, seus corpos, suas comidas e inclusive suas roupas, é um tentar encaixar desencaixado, encaixotado, moldado a valores, princípios, coisas que por tempos acreditamos ser a melhor coisa.

Segundo Salomé (2009) é importante que a arte-educação na sociedade capitalista seja pensada como um processo que permitirá ao homem sua humanização, percebendo-se como agente do meio social onde vive, mas que para que isso aconteça é necessário a "compreensão da natureza da educação como um fenômeno propriamente humano e cuja especificidade se dá na conversão do saber objetivo em saber escolar, socializando o saber acumulado histórica e cientificamente pela humanidade".

A partir do momento em que começamos a desenvolver saberes que já são nossos, vamos incorporando à eles novas formas de desenvolvê-los e novas técnicas de aprimoramento, isso tende a beneficiar a todos, no sentido que a partir do momento que cruzamos com o que nos apaixona, agrada ou desagrade queremos permanecer ali, e saber mais sobre aquilo, é um encontro às cegas com nós mesmos, isso inspira, respira e incorpora em nós uma necessidade de mudança constante da realidade, isso muda transforma, travesti, transfigura e emana uma nova realidade criada a partir de nós para nós e para o outro que se propaga na sociedade.

Na perspectiva da escola como local de trabalho com o saber elaborado, entendemos que a arte deve ser ensinada e aprendida na escola a partir da abordagem de conteúdos significativos, tratados como um produto do homem e que, ao nos defrontarmos com ela nos apropriemos da sua realidade e confrontemos com a nossa própria realidade. (SALOMÉ, 2009, p.6).

Kosik (1994 citado por Salomé, 2009, p.6), traz essa ideia do homem que se apropria e transforma sua realidade. Na grande arte a realidade se revela ao homem. A arte, no sentido próprio da palavra, é ao mesmo tempo desmistificadora e revolucionária, pois conduz o homem desde as representações e os preconceitos sobre a realidade, até a própria realidade e à sua verdade. Na arte autêntica e na autêntica filosofia revela-se a verdade da história: aqui a humanidade se defronta com a própria realidade. Qual é a realidade que na arte se revela ao homem? Talvez uma realidade que o homem já conhece e da qual deseja apenas apropriar-se sob outra forma, isto é, representando-a sensivelmente?

Daí a importância ao acesso à arte de forma clara, simples e natural, que a complexidade dela é nós a sua essência, e que segundo (Saviani 2002, apud Salomé, 2009, p.6) “articular o trabalho desenvolvido nas escolas com o processo de democratização da sociedade”, seria um ganho coletivo, Salomé (2009), e que essa mediação é entendida como um processo que possibilita ao homem se tornar homem através da sociedade alienada, que a educação é parte do processo de conscientização, mas que sozinha não produz transformação social.

[...] o processo de transformação que se dá pela educação refere-se não ao processo de transformação ao nível das condições materiais da estrutura social em que vivemos, mas ao nível da transformação das consciências. E as consciências são os sujeitos que atuam na prática social. E será o conjunto da prática social que gerará a transformação da sociedade. (OLIVEIRA, 1994, p. 118 apud SALOMÉ, 2009 p.7).

E pensar esse processo na escola é um pensar coletivo, que envolve mais do que a escola está preparada para dar, envolve uma mudança de todo um planejamento ao qual as pessoas estão acostumadas, mudar causa instabilidade e é necessário saber lidar com isso.

É nesse movimento de ensinar e aprender pautados na necessidade de se despertar a consciência para a arte como formadora do humano que o aluno vai encontrar condições de desenvolver a profundidade da sua expressão e construir o conhecimento em arte que envolve o fazer e pensar artísticos e estéticos. [...] O ensino da arte nas escolas necessita, portanto,

ser pensado enfocando também as diferentes possibilidades de trabalho como meio de formação dos sentidos humanos, o que certamente contribuirá para o desenvolvimento de uma atitude crítica frente ao mundo que cerca o aluno envolvido neste processo. [...] Na medida em que a experiência estética mobiliza em nós em especial a dimensão sensível (estésica) do saber, a educação dos sentidos será apreendida como educação estética, como forma de realização da essência humana que é a sua liberdade ou omnilateralidade. A tarefa de aliar o conhecimento inteligível ao saber sensível pode ser desenvolvida trabalhando com os conhecimentos artísticos produzidos e acumulados historicamente pela humanidade (SALOMÉ, 2009. p.8).

Uma vez que existe possibilidade para isso, porque nos acovardamos, nos acostumamos, culpamos o governo, os pais, os alunos, a escola, sempre queremos pôr a culpa em alguém, e há mesmo aqueles que tem, mas há tantos pais, professores, gestores, que a eles coube só reproduzir o que lhe foi ensinado, há tantas escolas e instituições que a elas coube um administrador pouco eficiente, corrupto, ou mesmo que administra ‘bem demais’ as finanças para que ouse implantar algo de risco, eu chamaria isso de covardia, parafraseando Renato Russo “são crianças como você, o que você vai ser quando você crescer?”

É pensar que é desde cedo que se instauram essas concepções e que precisamos dar suporte para que essas crianças venham a pensar por elas próprias, que se tornem conscientes da vida, e que busquem melhorá-la de fato, porque senão elas só irão reproduzir, os nossos gestos, os nossos atos, as nossas formas de governo e nossa forma de gerir a vida e não estamos sendo “bons” exemplos.

Ao estudar a linguagem da arte, nessa perspectiva de acesso ao saber elaborado, o aluno vai compreender a atitude do artista como aquele que representa a sua visão de mundo por meio de códigos e signos carregados de significados. Refletindo sobre a sua prática social este aluno poderá desvelar as possibilidades de se perceber sujeito da sua história, questionando a submissão e as formas de exploração presentes na sociedade. A interação entre o conhecimento artístico e os sentidos estéticos construirá uma educação em arte, no qual um saber consciente tornará possível a apropriação do conhecimento e a aprendizagem dos sentidos. A aprendizagem dos sentidos, que envolve o trabalho com o sensível vai implicar numa tomada de consciência por parte dos professores, alunos e todos os integrantes do processo educacional, no sentido de perceberem o engodo em que caiu a sociedade ao não diferenciar arte do comércio das quinquilharias. (SALOMÉ, 2009, p.7)

Isso tudo atrelado ao pensamento crítico e reflexivo que a arte pode proporcionar vem a ser uma utopia, no entanto há exemplos lindos que ‘pipocam’ por

aí como a Pedagogia Waldorf⁷, a Escola da Ponte⁸ em Portugal e muitos outros projetos criados por professores que desafiam a forma como está posta a escola, a estrutura, o sistema, desafiam a si mesmos em busca de uma educação significativa.

Criando novos objetos, descobrindo novas propriedades, o homem ampliou consideravelmente, graças à sua atividade prática, material, o horizonte dos sentidos e enriqueceu e elevou a consciência do sensível até o ponto de converter-se em expressão das forças essenciais do ser humano. A sensibilidade estética é, por um lado, uma forma específica de sensibilidade humana e, por outro, é uma força superior dela, enquanto expressa – em toda a sua riqueza e plenitude – a verdadeira relação humana com o objeto como confirmação das forças essenciais humanas nele objetivadas. (VÁZQUEZ, 1978, p. 86 apud SALOMÉ, 2009, p.9).

Essa transformação que é inerente ao ser humano, pode ser desencadeada por muitos gatilhos, algumas pessoas precisam ser mais estimuladas que outras isso se dá em diversos lugares, por diferentes linguagens, de maneiras singulares, temos o exemplo citado por Cesário (2011, apud Lins, 2011, p. 45) o artista Arthur Bispo do Rosário que diagnosticado com problemas mentais permanencia internado num manicômio de onde transcendeu a arte “revelou-nos através do lixo, e dos restos, do “nada” retratou e reinventou um todo. Sua desrazão encontrou uma lógica só dele e tão nossa... este encontro é irreproduzível”, Bispo mostrou sua transformação, transfiguração, transcendência por meio das artes reproduzidas por ele, isso mostra o quão capazes somos, cada ser em sua ‘loucura’.

Uma certa preguiça me arrasta insensivelmente para o ritmo da vida comum. E assim como um escravo, que no sono goza de uma liberdade imaginária, receia acordar quando começa a supor que sua liberdade é

⁷ Pedagogia Waldorf é uma vertente resultante de estudos realizados por Rudolf Steiner sobre a antroposofia, essa pedagogia é pautada em todas as dimensões do ser humano, buscando uma educação pelos sentidos, pela expressão artística, preocupando-se com o desenvolvimento integral desse ser humano sem preocupar-se com a aceleração do desenvolvimento da criança. (<http://www.sab.org.br/portal/pedagogiawaldorf/369-principios-pedagogia-waldorf>).

⁸ Escola da Ponte é o nome de uma escola localizada em São Tomé de Negrelos, Portugal, a mesma é um projeto de educação que se estrutura por meio da interação de seus membros, toda a estrutura organizacional, espaços, planejamento conta com alunos, professores e pais, baseado em valores como a solidariedade e democraticidade, inspirando uma filosofia inclusiva e cooperativa. (<http://www.escoladaponte.pt/novo/projetos/>)

apenas um sonho... eu também receio acordar desse torpor. (PREMIÈRE MÉDITATION, PLÉIADE, p. 272 apud FOUCAULT, 1972 p.158).

Bispo que era diagnosticado como paranoide esquizofrênico permaneceu em reclusão por cerca de cinquenta anos na colônia Juliano Moreira, e toda sua obra fora constituída de diversos materiais do seu cotidiano; restos de uniforme que desfazia fio a fio para compor seus bordados e justaposições, também restos de coisas que recolhia e alguns utensílios de cozinha (Claus, 2006), talvez Bispo seja mesmo um excelente representante de homem e das coisas do mundo para o seu Deus, uma vez que sua constante busca pela razão o fazia muito mais sensibilidade, muito mais arte, encontrou nela um processo quase que inverso, porque na maioria das vezes a usamos como fonte de sensibilização, para Bispo era uma forma de reorganização de mundo, de racionalizar o que dele transbordava, ele se fez ouvido e aplaudido.

Figura 31: Bispo do Rosário, Manto de apresentação



Fonte: Itaú cultural

Uma de suas obras mais conhecidas é o manto com o qual deveria fazer sua passagem, e foi mesmo uma passagem não para ele, mas para que pudéssemos olhar para qualquer outro ser como “humano”, e pensar que a arte está em nós, só precisamos procurar uma forma de deixar ela relativizar, transcender, se mostrar, significar, independente da classificação patológica ou social atribuída, Bispo se fez importante para que possamos olhar com mais cautela a essas pessoas que são consideradas “loucas”, porque ainda que tenham muitos casos em que existem diagnósticos reais, há também de se pensar que talvez somos nós que não

atingimos um patamar ideal para compreender essa loucura e que talvez os loucos somos nós, que usufruímos da razão de forma muito mais intensa que a sensibilidade.

Figura 32: Bispo do Rosário. Muro no fundo da minha casa



Fonte: Itaú cultural

O filme “Nise: o coração da loucura” é outro lindo exemplo, sobre superação, transformação, reconhecimento do ser humano em primeiro lugar, o filme retrata a sensibilidade com que a médica Nise da Silveira resolveu tratar seus pacientes, não bastasse à ousadia de ser médica naquela época, Nise ao ser encurralada na “pior” ala do manicômio Engenho de dentro, tratou aqueles “humanos” como pacientes, recusando-se a aplicar-lhes tratamentos degradantes.

Figura 33: Nise o coração da loucura, 2016. Isolamento humano



Fonte:Netflix

(<https://www.netflix.com/watch/80154783?trackId=13752289&tctx=0%2C0%2Cfe6ba062ddc4c33ebc440cd0070a23058ec7f9be%3Abb9b9517c39472adfb409c2b441ff71ca80f4fe%2C%2C>).

Figura 34: Nise o coração da loucura. Lobotomia



Fonte: Netflix

(<https://www.netflix.com/watch/80154783?trackId=13752289&tctx=0%2C0%2Cfe6ba062ddc4c33ebc440cd0070a23058ec7f9be%3Abb9b9517c39472adfb409c2b441ff71ca80f4fe%2C%2C>).

Uma das práticas utilizadas na época para tratar pacientes com problemas psiquiátricos era a lobotomia, a qual se tratava de um tratamento degradante de eletrochoque que levava o paciente a convulsão e perda de consciência.

Figura 35: Nise o coração da loucura, 2016. Limpar a poeira das almas.



Fonte: Netflix

(<https://www.netflix.com/watch/80154783?trackId=13752289&tctx=0%2C0%2Cfe6ba062ddc4c33ebc440cd0070a23058ec7f9be%3Abb9b9517c39472adfb409c2b441ff71ca80f4fe%2C%2C>).

A imagem anterior registra o ambiente que era sujo, desorganizado e degradante e a seguinte como Nise inicia sua prática com seus pacientes.

Figura 36: Nise o coração da loucura, 2016. Uma luz que se acende.



Fonte: Netflix

(<https://www.netflix.com/watch/80154783?trackId=13752289&tctx=0%2C0%2Cfe6ba062ddc4c33ebc440cd0070a23058ec7f9be%3Abb9b9517c39472adfb409c2b441ff71ca80f4fe%2C%2C>).

Ela iniciou primeiramente tratando-os como pessoas, clientes que necessitavam de cuidados básicos, o lugar era degradante, não haveria forma de recuperar uma pessoa naquelas circunstâncias sem algum tipo de estímulo. Nise numa conversa com o enfermeiro Almir decidiram implantar a pintura como co-terapia, ao ver um de seus pacientes desenhando com as próprias fezes na parede, pensou em estimulá-los com linguagens da arte, o trabalho foi intenso e nada fácil no início, com o diretor e os demais psicanalistas ajudando a piorar a situação dos pacientes.

Figura 37: Nise o coração da loucura, 2016. Naturalidade e compreensão.



Fonte: Netflix

(<https://www.netflix.com/watch/80154783?trackId=13752289&tctx=0%2C0%2Cfe6ba062ddc4c33ebc440cd0070a23058ec7f9be%3AAbb9b9517c39472adfb409c2b441ff71ca80f4fe%2C%2C>).

Nise tratando seu paciente com muita naturalidade, sem medo ou aplicação de tratamentos desumanos.

Figura 38: Nise o coração da loucura, 2016. Segurar com vontade uma mão.



Fonte: Netflix

(<https://www.netflix.com/watch/80154783?trackId=13752289&tctx=0%2C0%2Cfe6ba062ddc4c33ebc440cd0070a23058ec7f9be%3AAbb9b9517c39472adfb409c2b441ff71ca80f4fe%2C%2C>).

Figura 39: Nise o coração da loucura, 2016. Expressar o que se sentia com o melhor substrato (fezes).



Fonte: Netflix.

(<https://www.netflix.com/watch/80154783?trackId=13752289&tctx=0%2C0%2Cfe6ba062ddc4c33ebc440cd0070a23058ec7f9be%3AAbb9b9517c39472adfb409c2b441ff71ca80f4fe%2C%2C>).

Na imagem acima um dos pacientes de Nise desenha na parede com suas fezes, não haveria de se admirar, a falta que lhe fazia um substrato melhor, vindo da forma como eram tratados e como era o ambiente.

Nise foi aos poucos conquistando a ajuda dos enfermeiros do local e a confiança dos pacientes, integrou práticas artísticas como pintura e modelagem que possibilitaram aqueles pacientes uma vida melhor, os trabalhos dos mesmos ganharam repercussão e uma exposição intitulada “9 Artistas de Engenho de Dentro” no ano de 1949 no Museu de Arte Moderna – São Paulo MAM-SP, três anos mais tarde Nise fundava o Museu de Imagens do Inconsciente, com produções de seus pacientes.

Figura 40: Nise o coração da loucura, 2016. Soltando o inconsciente.



Fonte: Netflix

(<https://www.netflix.com/watch/80154783?trackId=13752289&tctx=0%2C0%2Cfe6ba062ddc4c33ebc440cd0070a23058ec7f9be%3Abb9b9517c39472adfb409c2b441ff71ca80f4fe%2C%2C>).

Nas imagens acima as técnicas aplicadas com os pacientes, a fim de melhorar a qualidade de vida.

Nise que na época escrevia ao também psiquiatra e filósofo Carl Gustav Jung foi de extrema importância aos estudos feitos na época na área da psiquiatria, Nise foi inspiração para a criação de museus, centros culturais e instituições terapêuticas,

como o Museu Bispo do Rosário, para a arte a contribuição é infinita uma vez que por meio da sua sensibilidade, ela é a ‘arte e os permitiu também ser’, essa sensibilidade a qual estamos sempre a procura se mostra explícita no filme, em cada detalhe, esse aconchego que a linguagem artística proporcionou a esses seres que socialmente eram considerados limitados evidencia a importância que a arte tem na formação humana e na reorganização da qualidade de vida, foi na loucura do engenho de dentro que ela se sobressaiu. Esses estudos resultaram em muitos outros que mais tarde foi denominado como Arteterapia.

Figura 41: Nise o coração da loucura, 2016. Vestindo as almas para um passeio.



Fonte: Netflix

(<https://www.netflix.com/watch/80154783?trackId=13752289&tctx=0%2C0%2Cfe6ba062ddc4c33ebc440cd0070a23058ec7f9be%3AAbb9b9517c39472adfb409c2b441ff71ca80f4fe%2C%2C>).

Figura 42: Nise o coração da loucura, 2016. Sentir-se, espalhar-se.



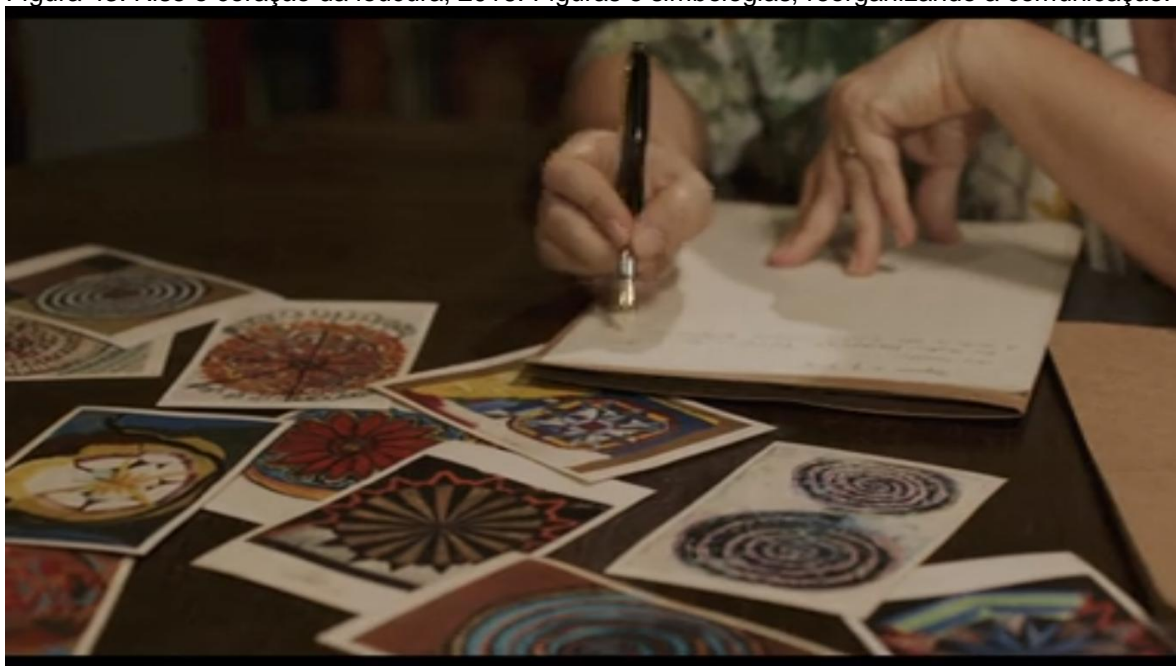
Fonte: Netflix

(<https://www.netflix.com/watch/80154783?trackId=13752289&tctx=0%2C0%2Cfe6ba062ddc4c33ebc440cd0070a23058ec7f9be%3AAbb9b9517c39472adfb409c2b441ff71ca80f4fe%2C%2C>).

Nas imagens acima mostra a alegria de se sentir vivo, de sentir que existe vida fora do manicômio e dentro de si, de se sentir humano, transitar sem grades ou com medo.

A Arteterapia⁹ uniu o fazer artístico desprovido de intenção estética com o fim de melhorar a vida das pessoas (MARTINS, 2012), como toda a novidade não tão nova assim a Arteterapia enfrenta preconceitos, de um lado alguns artistas que não admitem colocar a arte a serviço “de” e de outro os terapeutas ocupacionais que reclamam que a prática “rouba” seus clientes, um tanto mesquinho esses pensamentos, uma vez que a Arte é muito maior que nós delimitarmos onde ela pode ou não agir, ‘A arte não cabe’ porque está dentro, está fora, está entre, nem está aqui, e está além, a Arteterapia é uma oportunidade de resgatar mentes cansadas, inconscientes pesados e confusos, é reaprender o sentido de ser criança, de ser pai, mãe ou filho, é entender os símbolos que chegam discretamente por meio das linguagens da arte, é exteriorizar com a única preocupação de ser humano, a Arteterapia é uma conversa sincera com nós mesmos.

Figura 43: Nise o coração da loucura, 2016. Figuras e simbologias, reorganizando a comunicação.



Fonte: Netflix.

⁹ Arteterapia é um método de tratamento terapêutico que visa buscar o desenvolvimento pessoal, visando a reorganização de conteúdos internos, expressão emocional, libertando a capacidade de pensar, a criatividade por meio da imaginação, simbolismos e metáforas, fazendo uso de linguagens artísticas. (Carvalho, 2011, apud Martins 2012, p.16) http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/10008/2/ULFBA_TES665.pdf

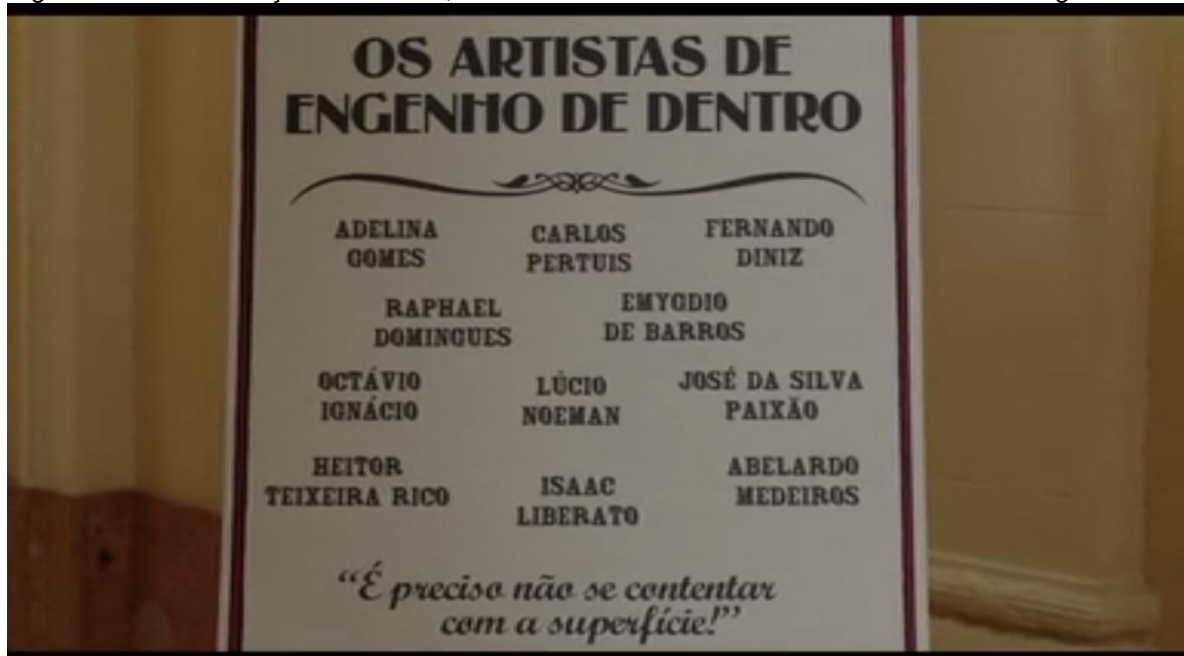
Figura 44: Nise o coração da loucura, 2016. Mostrando para o mundo que existem.



Fonte: Netflix

(<https://www.netflix.com/watch/80154783?trackId=13752289&tctx=0%2C0%2Cfe6ba062ddc4c33ebc440cd0070a23058ec7f9be%3AAbb9b9517c39472adfb409c2b441ff71ca80f4fe%2C%2C>).

Figura 45: Nise o coração da loucura, 2016. Os “loucos” cruzam os muros e adentram a galeria.



Fonte: Netflix.

Após críticos de arte fazerem uma visita ao Engenho de dentro e constatar que o que se criava ali também era arte os pacientes de Nise ganham uma exposição no MAM-SP.

Figura 46: Nise o coração da loucura, 2016. Arte e humanização.



Fonte: Netflix.

(<https://www.netflix.com/watch/80154783?trackId=13752289&tctx=0%2C0%2Cfe6ba062ddc4c33ebc440cd0070a23058ec7f9be%3AAbb9b9517c39472adfb409c2b441ff71ca80f4fe%2C%2C>).

Duarte (2011, apud Lins) acredita que a arte é bastante responsável pela formação humana, no que diz respeito à dimensão sensível, de convivência, de compreender o outro, a arte produz empatia e compaixão, o aprendizado fundamental que a arte nos dá é ter a experiência de outras pessoas, saber o que o outro está sentindo, aprender com o outro e com povos diferentes em diferentes situações, mas não devemos achar que a arte sozinha forma as pessoas, há uma dimensão ética que deve ser discutida lado a lado com a arte (Duarte, 2011 apud Lins 2011, p.23).

Duarte (2011, apud Lins) cita o documentário do Peter Cohen que se chama “Arquitetura da Destruição” que trata da dimensão estética do nazismo, onde Hitler e os membros da SS que possuíam um pé na arte, não foram nada sensíveis, mostrava que o nazismo era um fenômeno estético e que queria embelezar o mundo

que e por acaso, os negros, judeus e o homossexuais faziam parte das coisas feias. Cita também que devemos ter cuidado com essa visão romântica que a arte vai nos libertar que forma pessoas boas, porque também alguns serial killers imprime um caráter estético em seus assassinatos. Por isso precisamos entender que a arte é por si só incompreensível, porque é subjetiva a cada ser, e que nem sempre sua percepção será de coisas positivas, ou irá gerar coisas boas, porque a arte é a significância que damos as coisas, sejam elas boas ou ruins.

7. ROMPER, NATURALIZAR, (RE)CONHECER, BRINCAR

Titulo: Conexões sensíveis

Ementa: O presente projeto de curso visa resgatar os valores sensíveis, por meio da experiência e apreciação estética, refletindo sobre a importância das relações entre a arte o ser humano e a natureza.

Carga horária: 18h/a

Cronologia: 2 encontros de 5h/a e 2 encontros de 4h/a

Público alvo: Docentes da área de Artes

Justificativa:

Resgatar os valores sensíveis que às vezes se perdem em meio à rotina, e que a arte é fonte também de emanar esse sensível em seu fazer, apreciar, criar, proporcionando desenvolver melhor a capacidade criativa, o senso imaginativo, crítico e reflexivo, a respeito das diversas coisas que nos rodeiam.

O projeto busca evidenciar uma conexão com o eu, com a arte, a experiência e a natureza, enfatizando a importância da formação sensível para uma educação que leve em consideração o aprendizado significativo.

Pelo poder da síntese da linguagem da arte, nossa sensibilidade capta uma forma de sentimento que nos nutre simbolicamente, ampliando nosso repertório de significações. Adquirimos um conhecimento daquilo que ainda não sabíamos e, por isso mesmo, transformamos nossa relação sensível com o mundo e as coisas do mundo. (MARTINS; PICOSQUE e GUERRA, 2010. p.39).

No decorrer de nossa evolução a busca pela razão foi marcada por muitas descobertas acerca de que seres eram esses, como era seu funcionamento, seu desenvolvimento, nesse processo a sensibilidade foi deixada um pouco de lado pelo processo evolutivo e pelo desenvolvimento da indústria, que nos deixou a mercê de uma sociedade capitalista que nos faz correr em círculos o tempo todo, que nos afasta dessa conexão com nós mesmos e com a natureza e nos coloca escravos da tecnologia e mídias sociais. Sobre essa aceleração e automatismo Bondía nos esclarece que:

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar, parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião,

suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (BONDÍA, 2002.p.24).

A parte mais triste disso tudo é que estamos fazendo o mesmo com as crianças que seguem enjauladas em suas caixas de concreto, entretidas pelas lentes da tecnologia, seus tempos são todos ocupados por diversos tipos de aulas e cursos, porque se entende que a criança absorve tudo melhor quanto mais cedo isso lhe for proposto, o tempo de brincar fica restrito aos muros que circunda sua casa, o mundo virtual, ou mal conseguem ter a experiência do brincar. Isso desencadeou uma sociedade doente que possui dificuldade de se relacionar com as demais pessoas, provocou muito individualismo, intolerância, sedentarismo, má qualidade de vida e uma desconexão consigo e com a natureza.

Pensando que as coisas mudam numa velocidade intensa, faz-se necessário a esse professor que busca ensinar de forma significativa estar também ressignificando seus conceitos e tendo novas experiências a este respeito os Parâmetros Curriculares Nacionais nos diz:

O importante neste estágio atual da educação brasileira é que os professores que se dispuserem a ensinar arte tenham um mínimo de experiências prático-teóricas interpretando, criando e apreciando arte, assim como exercitem a reflexão pedagógica específica para o ensino das linguagens artísticas. E para isso é necessário haver cursos de especialização, cursos de formação contínua, nos quais possam refletir e desenvolver trabalhos com a arte. (BRASIL, 1998 p.30)

Com o intuito de melhorar a formação continuada o MEC. criou em 2004 a Rede Nacional de Formação Continuada de Professores com o objetivo de contribuir para a melhoria da formação dos professores e alunos, dando suporte técnico e financeiro com cursos a distancia e semipresenciais a fim de melhorar o ensino e a valorização do professor (BRASIL, 2004). Nóvoa afirma que:

A formação não se constrói por acumulação de cursos, conhecimentos ou técnicas, mas sim através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de (re) construção permanente de uma identidade pessoal. Por isso é tão importante investir na pessoa e dar um estatuto de saber a experiência. (NÓVOA, 1992. p. 25 apud MELO, 2012, s/p).

Buscando refletir isso tudo atrelando arte, natureza, experiência, apreciação e criação, o projeto “Conexões sensíveis” visa resgatar um pouco esse ser humano e o conectar com os descaminhos da arte, da natureza, da experiência; essa proposta

procura utilizar as referências midiáticas antecipadas como forma de trazer reflexões aos participantes para que possamos nos localizar no percurso e expor as experiências, o andamento do projeto se dará da forma mais livre possível, priorizando a vontade dos participantes, no que diz respeito ao tipo de linguagem das produções e também materiais ou mesmo abstenção de realizá-la, será pautada na escuta e escolha livre e cooperativa, podendo então estender-se mais que a carga horária prevista no projeto.

O curso será disponibilizado para professores de Artes da rede pública do ensino básico fundamental I, II e ensino médio, na Secretaria de Estado da Educação por intermédio da Gerência de Educação - Gered, fazendo a ponte entre os professores das regiões de Araranguá e Sombrio, o espaço físico onde o mesmo será realizado ainda não está definido, no entanto o mesmo deverá contemplar um espaço com acesso à natureza, onde possua grama, flores, árvores, trilhas, pássaros, ou seja, um ambiente natural.

Para embasar o curso os participantes deverão assistir previamente as referências midiáticas solicitadas, que são: qualquer episódio da série “Black Mirror” (Anexo A), o documentário “Ilha das Flores” (Anexo B), o documentário “Nunca me sonharam” (Anexo C), o filme “Nise: o coração da loucura” (Anexo D) e qualquer episódio da série “Anne with an e” (Anexo H).

Para o primeiro encontro levantarão discussões sobre a série “Black Mirror” e o documentário “Ilha das Flores”, esta discussão se baseará na reflexão sobre tecnologia e sobre esse ser humano que se diferencia dos animais pela razão e pelo movimento de pinça, procurando nos localizar dentro desse processo ora robótico, ora desumano que vivenciamos, atrelando isso a natureza, o fazer artístico e sensibilização por meio de dinâmica.

Para o segundo encontro irão rememorar o documentário “Nunca me sonharam” e faremos discussões a respeito de ser professor, ser aluno e como se dão essas relações, será um momento de escuta e troca de experiências vivenciadas em sala de aula, junto a isso faremos um exercício de relaxamento e uma produção artística de forma livre.

Para o terceiro encontro iremos vivenciar uma sensibilização por meio de dinâmica e então explanaremos as observações sobre o filme “Nise: o coração da

loucura”, algumas questões serão abordadas como ponto de partida da discussão são elas:

O que é arte?

Como se dá o processo da arte em sala de aula?

Qual a importância dela na formação do sujeito?

Juntamente as reflexões advindas do processo farão uma produção com elementos da natureza procurando desconstruir a estética do belo. Para somar a referida referencia trarei algumas imagens do artista Bispo do Rosário (Anexo E, F, G) as quais conversam de forma similar ao filme.

Para o quarto e último encontro irei propor uma discussão sobre a série “Anne with an e”, levantando a importância das questões abordadas na mesma, também a imaginação, percepção e criatividade, irão rememorar seus tempos de criança com as brincadeiras que foram sugeridas e também experimentar as dos colegas, deixarão esse lado criança fluir de forma leve revisitando suas memórias. Farão uma produção artística que simboliza uma mala com elementos de escolha livre, para esse processo serão disponibilizadas algumas perguntas que podem ou não serem utilizadas como referencia.

Para finalizar irão fazer uma análise geral a respeito das experiências do curso, sobre percepções, reflexões, conceitos, atividades desenvolvidas no processo e auto avaliação, faremos uma síntese do que funcionou e o que não por qual motivo, e trocaremos ideias de outras formas de proporcionar estes encontros, visando criar um espírito de união e cooperatividade.

Objetivo geral:

Possibilitar uma reflexão por meio das experiências vivenciadas no processo do curso, articulando a apreciação, a criação, a sensibilidade e a conexão com a natureza, com a arte e consigo próprio.

Objetivos específicos:

Proporcionar desconstruir a maneira como a arte é ensinada nas instituições, prezando por um ensino mais conectado aos saberes cotidianos e da natureza, visando uma conexão maior com a mesma e consigo próprio através da desconstrução do fazer artístico tradicional, por meio de sugestões dadas pelos

colegas, evidenciando utilizar formas, cores e substratos advindos da natureza e explorando-as.

Possibilitar refletir a importância do brincar, da sensibilidade e da natureza no fazer artístico, por meio de brincadeiras e experiências que remontam a infância.

Viabilizar criar um espaço de sensibilização, de diálogos, apreciação e experiência estética por meio de roda de conversa e compartilhamento de experiências como uma espécie de círculo de confiança tecido ao decorrer do curso com vários pedaços de tiras.

Refletir a criação artística como possibilidade de autoconhecimento por meio das produções suscitadas durante o curso.

Propiciar aos participantes escolher que tipo de substrato e linguagem irá utilizar para criar suas produções, tendo como disponibilidade de material a natureza, papéis em vários tamanhos e cores e gramaturas, tintas guache, aquarela, pva, acrílica, pinceis em vários formatos e tamanhos, lápis grafite e lápis de cor, canetas nanquim, hidrocor entre outras, tecidos, diversos aviamentos, linhas, agulhas, câmera fotográfica, celular, tesouras, revistas, cordas e cordões, eva, mdf, acetatos, etc.

Solicitar a apreciação das referências midiáticas sugeridas sendo elas: filme Nise: o coração da loucura, um episódio a escolha do participante das séries Black Mirror e Anne with an e, e os documentários Nunca me sonharam e Ilha das Flores, com o intuito de reconhecer e sensibilizar os participantes a respeito dos assuntos abordados nas referências.

Apreciar as experiências trazidas pela roda de conversa sobre as referências midiáticas e as experiências com as produções.

Oportunizar a experiência com a catarse e com o espírito de união, cooperatividade e pró-atividade.

Metodologia

O projeto busca uma conexão com a natureza, portanto é importante que o mesmo seja realizado num local mais reservado que proporcione ao participante, um tempo para si em meio à natureza o mesmo requer que a referência midiática seja vista antecipadamente para que as discussões possam ocorrer de forma efetiva, são elas: qualquer episódio da série “Black Mirror”, os documentários “Ilha das Flores” e

“Nunca me sonharam”, o filme “Nise: o coração da loucura” e a série “Anne With an e”.

1º encontro 5h/aula

Iniciarei fazendo uma dinâmica com o grupo, pedirei que circulem de forma bem rápida entre os participantes e aos meus comandos produzam as ações solicitadas, pedirei que em determinados momentos se esbarrem, encurrem, façam cara feia para seus colegas, em outros deem sorrisos, gargalhadas, pedirei que abrace seu colega mais próximo, que diminuam a velocidade e deem bom dia/boa tarde. Iniciada a sensibilização irei perguntar se assistiram as referências midiáticas solicitadas, pois durante todo o curso iremos revisitá-las por isso necessita da apreciação antecipada. Após esse momento faremos um círculo e cada participante irá se apresentar falando porque veio, feito as apresentações iremos discutir como viram a dinâmica proposta, o que sentiram, quais sensações, se lhes remeteu a algo. Abordaremos então discussões acerca da série “Black Mirror” e o documentário “Ilha das flores”, tentaremos trazer essas referências para no nosso dia a dia, e faremos reflexões sobre isso.

Pedirei que circulem pela natureza, parem por alguns instantes, ouçam a sua volta, observem, mentalizem, então retornem ao local combinado, faremos então uma poesia sobre o exercício e roda de conversa sobre a mesma, pedirei que citem uma brincadeira que gostavam quando crianças para que eu possa preparar uma aula com esses itens.

2º encontro- 4h/aula

Nessa aula iniciaremos com uma roda brincando de ciranda-cirandinha, faremos a dinâmica de telefone sem fio corporal, após esse momento iniciaremos uma roda de conversa sobre qual suas melhores e piores lembranças de professores e também de alunos, adentraremos em seguida a discussão sobre o documentário “Nunca me sonharam”, trazendo referências deste para dentro da nossa realidade escolar, falaremos sobre experiências parecidas e da importância

da sensibilidade em ambos os lados para que o aprendizado seja mais leve e significativo.

Faremos então a seguinte atividade, deitaremos no chão por cerca de 20 minutos, em absoluto silêncio, a não ser o da natureza, buscaremos pensamentos, sentimentos, sensações, feito isso os participantes farão uma produção e ficarão livre sobre como irão expressar isso, pintura, desenho, escultura, teatro, dança, etc., diversos materiais estarão dispostos para que escolha o que mais lhes agrada. Realizada essa etapa faremos uma roda de conversa para ouvir sobre as produções, sensações, experiências.

3º encontro 4h/a

Irei iniciar a proposta do dia com um círculo, onde o exercício é um telefone sem fio de palavras de positivismo onde você recebe uma palavra e passa para o colega outra somada de um gesto (pode ser um abraço, um carinho, um aperto de mão). Iremos então abrir uma roda de conversa sobre o filme “Nise, o coração da loucura”, procurando refletir:

O que é arte?

Como se dá o processo da arte em sala de aula?

Qual a importância dela na formação do sujeito?

Levarei imagens do artista Bispo do Rosário para complementar nossa discussão. Para a atividade do dia irei propor que façam uma breve caminhada pela natureza, buscando refletir as questões que foram levantadas e recolham alguma coisa da natureza, de preferência algo que não precise ser arrancado ou cortado, procurando com isso uma valorização da natureza e uma desconstrução da estética enquanto beleza, com isso eles farão uma produção artística, que será livre e após faremos roda de conversa para discutir de que forma poderíamos aproximar mais a natureza da sala de aula, e quais seriam as novas possibilidades de ensinar arte para que se aproximasse mais da vida dos alunos?

4º encontro 5h/a

Iniciarei o encontro com uma roda de conversa sobre a série “Anne with an e”, onde abordaremos imaginação, criatividade, pensamento positivo, etc., então ampliaremos para a sugestão da brincadeira e pedirei que relatem quais lembranças lhe fizeram escolher a mesma. Iremos então deixar florescer nossa criança interior e nos entregar as brincadeiras, experimentando também as dos colegas.

Num segundo momento falaremos como foram as experiências, as sensações, as lembranças, pedirei que criem uma mala, uma espécie de bagagem, poderão ser desenhos, recortes de revistas, coisas da natureza, a forma é livre, disponibilizarei algumas perguntas que podem servir ou não como referencia, o participante é quem escolhe, são elas:

O que você deixou de ser?

Para onde está indo?

O que você deixou pelo caminho?

O que você acredita que deveria ter deixado e não deixou?


O que você está deixando para o mundo?

O que você ainda pode acrescentar ou descartar?

Após essa atividade faremos roda de conversa sobre o assunto então faremos uma sensibilização que é de livre escolha participar, deitados no chão com os olhos fechados fazendo exercícios de inspirar e expirar, serão levados pela minha voz, faremos pedido de perdão aos outros e a nós mesmos, deixarão seus pensamentos ir e vir, perguntarei onde querem chegar, se precisa de ajuda e a cada qual que tiver a resposta deverá em silêncio levantar sua mão, eu segurarei sua mão e juntos iremos lá. Iremos analisar se ocorreram mudanças de percepções, pensamentos, sentimentos acerca da arte, da sensibilidade e da experiência. Finalizaremos o projeto com uma corda que se entrelaça formando um laço, que torna tangível a troca de saberes e experiências, este poderá ser levada por um dos participantes.

TABELA 1

ANEXO: A	ANEXO: B
Black Mirror	Ilha das flores
 <p>CHARLIE BROOKER'S BLACK MIRROR THE COMPLETE FIRST SERIES "THRILLINGLY, UNSETTLINGLY MODERN"</p>	 <p>Documentário Ilha das Flores (documentário) (Filme)</p>
Fonte: Netflix	Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=eUEfBLRT37k
ANEXO C	ANEXO D
Título: Nunca me sonharam	Título: Nise: o coração da loucura
 <p>Nunca me Sonharam</p> <p>NUNCA ME SONHARAM</p>	 <p>TVZERO, PETROBRAS, GNT E RIOFILME apresentam</p> <p>NISE O CORAÇÃO DA LOUCURA</p>
Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=S6Di2ZTgMeg	Fonte: Netflix
ANEXO: E	ANEXO: F
Título: manto de apresentação (detalhe)	Título: Muro no fundo da minha casa

	
ANEXO: G	ANEXO: H
Vinte e um veleiros	Anne com E
	
Fonte: Itaú cultural	Fonte: Netflix

Referências bibliográficas do projeto

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais : arte** / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC / SEF, 1998. 116 p. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/arte.pdf>>. Acesso em: 26 out. 2018.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Rede Nacional de Formação Continuada de Professores**. 2004. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/rede-nacional-de-formacao-continuada-de-professores/apresentacao>>. Acesso em: 26 out. 2018.

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência**. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002.

MANTO de Apresentação (detalhe). In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2018. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra15482/manto-de-apresentacao-detalle>>. Acesso em: 26 de Out. 2018. Verbetes da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7.

MARTINS, Mirian Celeste Ferreira Dias; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, M. Terezinha Telles. **Teoria e prática do ensino de arte: a língua do mundo**. 1. ed São Paulo: FTD, 2010. 206 p.

MELO, Diana Malheiros. **Formação Continuada**. 2012. Disponível em: <<https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/biologia/formacao-continuada/14229>>. Acesso em: 20 out. 2018.

MURO no Fundo da Minha Casa. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2018. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra15489/muro-no-fundo-da-minha-casa>>. Acesso em: 26 de Out. 2018. Verbetes da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7.

VINTE e Um Veleiros. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2018. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra25217/vinte-e-um-veleiros>>. Acesso em: 26 de Out. 2018. Verbetes da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7.

Referências Midiáticas do projeto

NETFLIX. **Anne with an e.** Disponível em: <<https://www.netflix.com/search?q=ANNE%20WITH%20AN%20E>>. Acesso em: 09 out. 2018.

NETFLIX. **Nise: o coração da loucura.** Disponível em: <<https://www.netflix.com/search?q=nise%20&jbv=80154783&jbp=0&jbr=0>>. Acesso em: 09 out. 2018.

NETFLIX . **Black mirror.** Disponível em: <www.xxxxxx.yyyy>. Acesso em: 09 out. 2018.

YOU TUBE. **Nunca me sonharam .** Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=s6di2ztgmeg>>. Acesso em: 09 out. 2018.

YOU TUBE. **Ilha das Flores.** Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=eUEfBLRT37k>>.

7. NASCIMENTO, CRIAR(AÇÃO), MAGIA, EXPERIÊNCIA SENSÍVEL

Essa pesquisa leva o título metafórico associado à gestação, nascimento, parto, não por acaso, não posso afirmar que foi fácil conduzi-la. Falar sobre o sensível é uma tarefa árdua e que jamais o deixa satisfeito, associar e lidar com isso relacionado à escola, a formação de professor, formação humana, foi mesmo um parto, com muitas horas de dor, de incertezas e lamentos, porque falar de sensível é falar de gente, é sentir essa gente, se colocar no lugar e finalmente não saber o que fazer com essa confusão que é ser gente.

Na minha pesquisa trago o sensível pelas lentes de vários teóricos numa tentativa de obtermos várias perspectivas diferentes sobre o que seria, não é intenção obter uma resposta, mas entender que algumas coisas a gente simplesmente jamais conseguirá explicar e é isso que as faz mais belas e fascinantes. Isso me trouxe uma reflexão, que para tudo há de se ter mil perspectivas diferentes que fazem parte do todo que somos nós, entendo e sinto esse sensível hoje como uma cartografia que jamais segue o mesmo caminho, porque é própria de cada um.

Conhecimento sensível é conhecer-se, investigar-se, conhecer esse corpo, essa matéria, aprender a lidar com essas incertezas e diferenças que são tão nossas, algo que transcende, que está num entre lugar que temos acessos por muitas vias, mas que segue ainda pouco estimulada.

Junto desse tema eu adentro sobre linguagens da arte e como elas tem potencialidades de despertar esse sensível, a linguagem do teatro, em especial o Teatro do Oprimido pode proporcionar isso, porque a própria maneira como se coloca diante do público quebrando a parede que afasta ator de espectador, e ainda ensina técnicas simples, que podem ser executadas por qualquer pessoa em qualquer lugar, fazendo referência principalmente a questões de opressão isso é conhecimento sensível, isso é genial, isso é a utopia sendo alcançada, não numa maneira literal, mas sim uma possibilidade.

O teatro do oprimido proporciona vivenciarmos esses papéis que assumimos de forma mais intensa e com possibilidade real de mudança, porque atua onde dói nossa ferida, nas opressões, e nos permite ser aquele que vai diagnosticar, costurar, cuidar, nos permite ser o protagonista da nossa história.

A linguagem do cinema trazida nessa pesquisa de forma mais generalizada também evidencia esse conhecimento sensível, nesta pesquisa trago de diversas formas, filmes, séries, documentários. Procurei buscar esse sensível em coisas do cotidiano que fazemos sem intencionalidade, e percebi que a linguagem do cinema é muito rica nesse sentido, porque de repente estou lá numa tentativa de descansar a mente do barulho habitual, vendo uma série ou um filme, e eis que eu não só descanso nele, mas eu me desloco do meu tempo presente, às vezes até do meu corpo e adentro a trama, e passeio com aqueles personagens, sinto suas alegrias, tristezas, vivo suas vidas.

Isso reverbera em mim insights, reflexões, conhecimento histórico, empatia, conhecimento sensível que por sua vez reverbera na minha arte, no meu ser, nas minhas opiniões. É como se expandisse o pensamento, a mente, isso eu devolvo para sociedade através do meu senso crítico e reflexivo que desloca nas minhas produções, opiniões e até comportamentos.

É mesmo uma expansão, em alguns momentos a gente não tem uma troca tão intensa com essas linguagens, a gente se localiza, se emociona, se sensibiliza, mas deixa lá no filme, na série, a gente fica feliz porque não é com a gente, ou até triste porque gostaria que fosse, ou mesmo faz de conta que não se reconheceu na trama, mas na maioria das vezes a gente não ressignifica esse suposto aprendizado para o real, porque parece mesmo ilusório, 'coisa de filme', você precisa permitir-se abrir para que isso tenha uma maior significância e mudança, é assim um 'nascimento' uma proposição de 'ser'.

Essa pesquisa me localiza no meu percurso enquanto aluna da rede pública e também da universidade, trago anseios que carrego comigo desde então, como optei por trabalhar o sensível e minha graduação é voltada a ser professora, penso ser necessário falar sobre essa profissão e também a educação, confesso que ainda não me sinto segura para assumir tal responsabilidade que julgo ser necessária para ser professor.

Eu enquanto aluna senti por diversas vezes essa falta de sensibilidade dos professores para com os alunos, muitas delas nem foram comigo na verdade, mas eu juro que choro a cada vez que me lembro. Eu sempre busquei olhar para as pessoas primeiramente como seres humanos, só depois o que mais que elas representassem, isso já me prejudicou bastante, posições são coisas que não me

metem medo, e eu não vou nesse momento julgar essa classe a qual minha admiração é intensa, mas eu questiono sim e não pude fazer isso de forma mansa porque eu sou assim mesmo, intensa.

Mas o que mais realmente desejo é que embora eu tenha parecido rude, eu faço isso porque me importo, me importo que talvez você professor não tenha tido um bom dia, me importo que talvez aquele aluno não teve também, me importo que você professor tenha noção disso, e que você aluno também, me importo que esqueçamos de onde viemos e para onde vamos, me importa que entendamos que somos humanos acima de qualquer outra coisa, me importa saber que nós professores temos o poder de mudar o rumo de uma vida, não quero glorificar e nem depositar esse peso todo no professor ou na escola, mas é que isso me parece muito real, muito próximo, mas pouco observado, me parece uma chance, que ainda não julgo-me capaz de contribuir para efetivá-la.

Estar nesse lugar que chamo 'professor' é mais do que eu possa oferecer no momento, e ainda que possamos dizer que alguns foram falhos, vidas ficaram melhores com seus ensinamentos, porque dentro da adversidade muitos aprendem mais que ensinam quando se propõe a lidar com o cenário atual da educação, eles já são inspiração pela coragem e serão ainda mais pela 'pessoa' que está em constante luta.

Carrego comigo um pesar da universidade, deixando bem claro que ele é meu, quando adentrei aqui eu pensava que era muito diferente do que já havia vivenciado em sala de aula, infelizmente não era, isso sob a minha perspectiva claro, eu sonhava que haveria tempo para digerir tudo de forma 'humana', mas aqui também a roda gira rápido, afinal o mercado precisa.

Essa é minha maior crítica, é que repetimos o processo, porém agora na graduação, com estrutura melhor, professores excepcionais, laboratórios aos quais me apaixonei, no entanto a gente seguiu a roda e ainda que assim seja, a cada volta me maravilhava com os novos conhecimentos que me despertavam, mas eu queria mais, sempre mais eu queria mudança, eu queria revolução, porque como eu disse sou intensa.

Conforta-me é que eu vivi para ver algumas coisas que me ansiavam virar semente, mas eu quero falar e ser sincera primeiramente comigo e dizer para você e para mim professor, aposte em todos os seus alunos de forma igual, afinidades

existem, mas descubra o caminho de encontrar o melhor que há em você e nele também, somos humanos e vamos errar, mas que para cada erro tenhamos consciência de tê-lo cometido.

Nesse sentido o que fica para mim sobre professores e educação é um desejo de mudança, não teremos melhores professores se estamos dando à eles a mesma formação, que possamos olhar de forma mais sensível para as coisas que realmente importam na nossa vida, que possamos trazer isso para ensino, para que se aproxime mais da vida e assim possamos caminhar mais devagar todos no mesmo ritmo, que consigamos dar as mãos e seguir juntos à único propósito, sermos melhores professores, melhores alunos, melhores gestores, melhores pessoas. Parafraseando Jota Quest

Vivemos esperando
Dias melhores
Dias de paz
Dias a mais
Dias que não deixaremos
Para trás

(Dias melhores, 2000, Jota Quest)

Sobre o capítulo que escrevi sobre arte-educação partilho com muitas ideias de Duarte relacionadas à arte penso que essa ânsia por espaço no campo da arte na escola, está provocando um efeito inverso, uma vez que parece que tentar provar sua importância acaba por igualá-la as demais disciplinas, racionalizando-a, tornando-a um amontoado de saberes sem conexões, e isso reflete na arte fora do contexto escolar. “Aprender é uma articulação entre a reflexão do sujeito e suas experiências singulares. O movimento entre experiência singular e reflexão tem um ritmo contínuo, e as paradas ocorrem por necessidade da ordem própria dessas experiências”. (Dewey, apud Rosa Iavelberg, 2017, p. 29). Desse modo não há motivos para forçar experiências a fim de ‘obter’ resultados no campo das artes.

Observa-se uma necessidade generalizada de ‘resetar’ a vida, as coisas, as pessoas e isso me parece vir dessa obrigatoriedade de como tudo está disposto para nós desde muito cedo, não é mais uma discussão só sobre arte, mas sobre “SER”, essa coisa que fica ali dentro, guardada esperando a próxima ordem, que vem de todos os níveis, social, econômico, psicológico, são as circunstâncias que

nos movem a querer também, e sabemos que há falta de equidade em todos os sentidos até nos inimagináveis.

A experiência estética é uma fonte que exerce um poder bem importante quanto a essas discussões, e a mesma deveria vir livre de objetificação e sem função propositora de avaliação, uma vez que é perceptível que nossa pessoa interior influencia nosso exterior.

Cada vez mais acredito que essa arte ao qual nos habituamos a acreditar como transformadora, em ambiente escolar está passando longe do que realmente creio, ao mesmo tempo em que acredito que não há como gostar de algo sem experimentá-lo, é necessário querê-lo, nesse sentido eu não consigo assumir uma posição sobre a arte na escola, o que penso é que ela é inerente do ser humano independente de estar na escola ou não e não consigo pensar se essa obrigatoriedade dela na escola é positiva, é muito relativo.

A medida que precisamos incentivar as pessoas a gostar de arte, isso pode gerar uma resposta desse indivíduo positiva ou negativa, também entender como isso é trabalhado por esse professor influencia, penso que devesse partir do aluno o que quer aprender, penso que seria mais significativo, afinal ninguém melhor do que ele para nos dizer o que lhe interessa, no entanto penso que essa fatia da arte mostrada nas escolas tem sua relevância no sentido de mostrar novas possibilidades e talvez aguçar mais esse aluno, mas é uma coisa que ainda me deixa bem confusa.

Uma vez que o homem se configura enquanto criatura geradora de um montante de ações/reações e sentimentos, é na alteridade que se localiza sua fonte energética de saber e emanar, dessa forma vê-se a importância do papel das diferentes linguagens para uma melhor percepção de mundo e de si próprio, espera-se que a arte possa contribuir para o conhecimento sensível desse sujeito, e possa agir como transformadora desse ser de maneira natural e pertencente ao mesmo, desencadeando um conhecimento sensível e um entendimento versado consigo mesmo.

Nesse sentido podemos pensar que a arte está concomitantemente atrelada às vivências, experiências as quais estamos sujeitos quer queiramos ou não, uma vez que optamos por recebê-la de forma prazerosa, outra agressiva, ou mesmo

mecânica, o fato que de alguma forma ela está em nós não modifica, quem ela é e nem quem somos, a menos que nós queiramos e permitamos.

Quando falo sobre formação humana reverbera em mim o que tenho de mais sensível, o que julgo ser o que mais me importa, porque o ser humano é uma 'coisa' apaixonante, e quando penso isso atrelado à arte então é um casamento feliz.

Trago como exemplo de sensibilidade com a formação humana o filme Nise: o coração da loucura que fez apaixonar-me por outra área que é a Arteterapia, o filme retrata muito bem a sensibilidade com a qual Nise tratava seus pacientes, isso depois unindo o fazer artístico transformou a vida daquelas pessoas, devolveu-lhes uma qualidade de vida melhor e isso por si só já é arte, arte de sensibilizar, de ver humanos antes de qualquer outra coisa. Cito o artista Bispo do Rosário que é exemplo de transformação, transfiguração, transcendência, para ele que era pura sensibilidade, a arte entrou como forma de racionalização de toda uma simbologia que brotava de seu interior.

No decorrer da minha pesquisa eu pensava que precisava sensibilizar as pessoas, estudava muitas ideias de como faria isso, decidi que trataria minha pesquisa como um objeto de arte, e foi mesmo, ela começou sendo uma coisa e se tornou outra, assim como a maioria das minhas produções eu fui longe, viajei, me deixei levar pelos meus pensamentos e 'devaneios' como cito por diversas vezes, no percurso aconteceu algo que eu só poderia dizer que foi mágico, colegas resolveram organizar uma exposição sobre as pesquisas, e vi a oportunidade de participar, foi mágico conseguir tornar isso tudo tangível, meu objeto de arte agora é figurativo também, e assume um papel de expor minhas angústias no processo, eu o construo junto à escrita, trata-se de um bordado que será exposto junto com o bastidor, nele minhas costuras mentais e manuais se entrelaçaram deixando evidente que a escolha pelo material e a proposta realmente representam o que eu desejava.

Eu ficava pensando que faltava alguma coisa ainda, algumas lacunas me incomodavam, pensei e ainda penso, em terminar a pesquisa e não apresentá-la como forma real de torná-la arte contemporânea, é tentador e seria gratificante por um lado, seria uma maneira de mudar a rota, o fluxo, parar, interromper essa loucura que vivemos em busca de algo que nem nós sabemos o que é.

Como não estou certa se isso é mesmo uma vontade, ou se é minha mente tentando me sabotar, penso que preciso me sensibilizar para que essa apresentação

ocorra, por isso tenho feito várias mandalas que no dia acompanharão meus devaneios, a fim de deixar esse ambiente mais sensível também para que quem adentrar possa não só me ouvir, mas sentir um pouquinho de mim.

Esse sensível ficou em mim e senti a necessidade de compartilhar, para isso junto a minha pesquisa entregarei duas caixas, que serão parte de meu objeto de arte, as mesmas se intitulam “*Confiar*” e seguirão seu rumo de forma itinerante, nelas irão conter instruções de como proceder, ficando livre o direito de não participar, é uma forma de refletir e buscar sensibilizar as pessoas. Quem as estiver em mãos poderá modificá-la esteticamente, e criar novas estratégias de sensibilizar quem as receber, o intuito é não conter nomes e sim um *nom de plume*¹⁰, nem ordem de escrita ou registro a fim de que possamos manter o foco no propósito, junto a elas irá um endereço da página¹¹ que será criado com o intuito de acompanhar. Quem a receber pode ou não enviar registro de forma anônima a este endereço.

Que possamos fazer uma corrente pelo bem, pela vida e pela arte!

Tudo o que vivenciei são etapas de um gestar, gestar essa criança que quero ver nascer, ela vem para mim primeiramente como algo que quero interromper, me amedronta na mesma medida que me cativa, que me faz melhor a cada novo órgão que se forma, a cada batida do coração, cada chute, presenciados com a mesma medida de dor e amor.

¹⁰ * nom de plume, nome francês para pseudônimo. <https://dicionario.reverso.net/frances-portugues/nom+de+plume>.

¹¹ Email: artevocefazparte@gmail.com/ facebook e instagram: arte você faz parte.

REFERÊNCIAS

ANJOS, Camila Borges dos; LUCIANO, Suelen Francez Machado. **Reflexões sobre a produção de sentidos em sala de aula por meio da percepção estética do sujeito-aluno**. 2016. Disponível em: <http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/memorare_grupep/article/view/4042>. Acesso em: 21 ago. 2018.

ALVES, Rubem. **Ao Professor, Com o Meu Carinho**. São Paulo: Verus, 2004. 62 p.

ANNE with an e. Produção de Moira Walley-Becket. Canadá. 2017. Netflix

BARBOSA, Ana Mae. **Arte/Educação e diferentes conceitos de criatividade**. In: ZANELLA, Andréa Vieira; COSTA, Fabíola Cirimbelli Búrigo et al. (org.). Educação estética e construção do sujeito: reflexões em curso. Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2007.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais : arte** / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC / SEF, 1998. 116 p. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/arte.pdf>>. Acesso em: 26 out. 2018.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Rede Nacional de Formação Continuada de Professores**. 2004. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/rede-nacional-de-formacao-continuada-de-professores/apresentacao>>. Acesso em: 26 out. 2018.

BERGER, William. **O Teatro do Poder e o Teatro do Oprimido: formas de resistência e intervenção social em Caieiras Velhas Aracruz**, ES (2006-2011). 2012. 183 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós Graduação, Serviço Social da Pontifícia, Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

BOAL, Augusto. **Teatro do oprimido e outras poéticas políticas**. 6. ed. Rio de Janeiro: CivilizaÇÃO Brasileira, 1991. 234 p.

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência**. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002.

Cadernos do Inventar: cinema, educação e direitos humanos/ Cezar Migliorin... [et al.] ; ilustrações Fabiana Egrejas. - Niterói (RJ); EDG, 2016. 80 p. : il. ; 24 x 18 cm MIGLIORIN, Cezar et al. **Inventar com a Diferença - cinema, educação e direitos humanos**. 2016. Disponível em: <http://www.inventarcomadiferenca.org/wp-content/uploads/2017/05/Cadernos_do_Inventar_com_Diferenca.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2018.

COCCIA, Emanuele. **A vida sensível**. 2010. Traduzido por Diego Cervelin. Disponível em: <<https://dadospdf.com/download/emanuele-coccia-a-vida-sensivel->

_5a4cdb13b7d7bcab6727ac12_pdf>. Acesso em: 21 ago. 2018.
(COCCIA, 2010) Coccia (2010).

CLAUS, Marta. ARTHUR BISPO DO ROSÁRIO: A CRIAÇÃO ARTÍSTICA COMO REORGANIZAÇÃO DE MUNDO. **Existência e Arte**: Revista Eletrônica do Grupo PET - Ciências Humanas, Estética e Artes da Universidade Federal de São João Del-Rei -, São João Del-rei, p.1-7, jan. 2006. Janeiro A Dezembro de 2006. Disponível em: <https://ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/existenciaearte/Edicoes/2_Edicao/ARTHUR%20BISPO%20DO%20ROSARIO%20A%20CRIACAO%20ARTISTICA%20COMO%20REORGANIZACAO%20DE%20MUNDO%20%20Marta%20Claus.pdf>. Acesso em: 13 out. 2018.

DUARTE, Rosália. **Cinema & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

FARINA, Cynthia. Mutações do sensível.: A arte deslocalizada e o corpo desincorporado. **Porto Arte**, Porto Alegre, v. 18, n. 30, p.117-125, maio 2011. Mensal. Tradução: Éder Silveira. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/PortoArte/article/view/29626/18312%3E>>. Acesso em: 17 set. 2018.

Foucault, Michel, **Vigiar e punir: nascimento da prisão**; tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, Vozes, 1987, 288p.

FOUCAULT, Michel. **História da Loucura na Idade Clássica**. Sao Paulo: Editora Perspectiva, 1972. 608 p. Disponível em: <<http://www.uel.br/projetos/foucaultianos/pages/arquivos/Obras/HISTORIA%20DA%20LOUCURA.pdf>>. Acesso em: 12 set. 2018.

HONORATO, Aurélia Regina de Souza. **Trajetórias cartográficas na formação de professores e professoras de artes**: Espaços do Possível. 2015. 133 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências da Linguagem, Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL, Tubarão, 2015.

ILHA das flores. Direção de: Jorge Furtado. Brasil. 1989.color. 13 min. You tube.

IAVELBERG, Rosa. **Arte/educação modernista e pós-modernista: fluxos na sala de aula**, Porto Alegre: Penso, 2017.200p.il.;23cm.

JUNKES, Lauro. A narrativa cinematográfica introdução à linguagem e à estética do cinema. Florianópolis: [s.n.], 1979. 113 p.

Jung, Carl Gustav, 1875-1961. **Psicologia do inconsciente** /C G Jung; tradução de Maria Luiza Appy.Petrópolis, Vozes, 192p. 1980.

LINS, Claudia Maisa Antunes. A Arte e a Educação. /Claudia Maisa A. Lins. Juazeiro: Fonte Viva, 2011. 50 p. il.

MARQUES, Abimael Antunes. **A pedagogia tecnicista: um breve panorama. Itinerarius Reflectiones**, Jatai, v. 1, n. 12, p.3-4, 2012. Disponível em:

<file:///C:/Users/User/Downloads/20378-159307-1-PB.pdf>. Acesso em: 17 out. 2018.

MARTINS, Daniela de Carvalho e Souza. **Arte-terapia e as potencialidades simbólicas e criativas dos mediadores artísticos**. 2012. Disponível em: <http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/10008/2/ULFBA_TES665.pdf>. Acesso em: 12 out. 2018.

MARTINS, Mirian Celeste Ferreira Dias; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, M. Terezinha Telles. **Teoria e prática do ensino de arte: a língua do mundo**. 1. ed São Paulo: FTD, 2010. 206 p.

MELO, Diana Malheiros. **Formação Continuada**. 2012. Disponível em: <<https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/biologia/formacao-continuada/14229>>. Acesso em: 20 out. 2018.

NUNCA me sonharam. Direção de Cacau Rhoden. Produção de Marcos Nisti, Estela Renner, Luana Lobo, Juliana Borges. Realização de Maria Farinha Filmes. Coordenação de Cacau Rhoden, Tetê Cartaxo. Roteiro: Cacau Rhoden, Tetê Cartaxo. Música: Conrado Goys. São Paulo: Maria Farinha Filmes, 2017. (84 min.), son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=S6Di2ZTgMeg>>. Acesso em: 15 out. 2018.

NETFLIX. **Anne with an e**. Disponível em: <<https://www.netflix.com/search?q=ANNE%20WITH%20AN%20E>>. Acesso em: 09 out. 2018.

NETFLIX . **Black Mirror**. Disponível em: <www.xxxxxx.yyyy>. Acesso em: 09 out. 2018.

NETFLIX. **Nise: o coração da loucura**. Disponível em: <<https://www.netflix.com/search?q=nise%20&jbv=80154783&jbp=0&jbr=0>>. Acesso em: 09 out. 2018.

NISE: o coração da loucura. Direção de: Roberto Berliner. Brasil. 2016. Color. 106 min. Netflix.

NUNCA me sonharam. Direção de: Cacau Rhoden. Brasil. 2017. Color. 84 min. You tube.

OLIVEIRA, Marilda Oliveira de; HERNÁNDEZ, F. **A formação do professor e o ensino das artes visuais**. Santa Maria, RS: UFSM, 2005.

PASSOS, Eduardo. BARROS, Regina Benevides de. **A cartografia como método de pesquisa-intervenção**. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Org.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre, RS: Sulina, 2009, p. 17.

PILLOTTO, Silvia. S. D. A arte e seu ensino na contemporaneidade. In: PILLOTTO, Silvia Sell Duarte. **Educação pelo sensível**. 2007. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Downloads/683-2362-2-PB.pdf>. Acesso em: 05 abr. 2018.

PILLOTTO, Silvia. S. D. (São Paulo). **O conhecimento sensível na gestão da educação básica**. 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/85819>. Acesso em: 21 ago. 2018.

QUINTÃO, Carlos Roberto. **Viagem através do impossível: A EVOLUÇÃO DOS EFEITOS VISUAIS NO CINEMA**. 2013. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/BUBD-A4NE8N/viagem_atraves_do_impossivel.pdf?sequence=1>. Acesso em: 21 ago. 2018.

SALOMÉ, Josélia Schwanka. **A arte na escola e o conhecimento do sensível**. Eletras, vol. 18, n.18, jul.2009. Disponível em: <http://www.anpap.org.br/anais/2009/pdf/ceav/joselia_schwanka_salome.pdf>. acesso em 05 de abril de 2018.

SANTOS, Antonio Raimundo dos. **Metodologia Científica: a construção do conhecimento**/ Antonio Raimundo dos Santos -6 ed. Revisada. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

Silva, Flávio José Rocha Da. Uma historia do teatro do oprimido. **Aurora: revista de arte, mídia e política**, São Paulo, v. 7, n. 19, p. 23-38, fev./mai. 2014.

VIANNA, Tiche; STRAZZACAPPA, Márcia. Teatro na Educação: **Reinventando Mundos**. In: FERREIRA, Sueli(Org.). **O ensino das artes: construindo caminhos**. Campinas, SP: Papirus, 2001.

YOU TUBE. **Nunca me sonharam** . Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=s6di2ztgmeg>. Acesso em: 09 out. 2018.

YOU TUBE. **Ilha das Flores**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eUEfBLRT37k> . Acesso em: 10 out. 2018.